

O talento do gospel

Com raízes no coral infantil da Igreja Assembleia de Deus Pentecostal, Irmão Belmiro é hoje uma das referências do estilo gospel no mercado musical luandense.



p.27

Hospital sem água

A falta de água corrente têm afectado na higiene pessoal dos doentes internados, que dizem-se abandonados à sua sorte. Além disso, o sistema de ar condicionado está avariado há muito tempo e o calor tomou conta do hospital.

p.20-22



LUANDA

JORNAL METROPOLITANO DA CAPITAL ANGOLANA



16 de Abril de 2018 • Ano 0 • Número 22 •

Publicação quinzenal, à segunda-feira

ATERRO SANITÁRIO

CONTREIRAS PIPA | EDIÇÕES NOVEMBRO



Produtos expirados "envenenam" mercado informal

Produtos destinados à destruição são desviados para o mercado informal, onde são adquiridos por consumidores. Um perigo à saúde pública

p.4-5

DISTRITO DO BENFICA

CANHANGA ESPERA POR SERVIÇOS

O bairro do Canhanganga cresce todos os dias em termos demográficos e, com ele, os problemas sociais. Não há energia e água. As cisternas têm sido a solução. Escolas públicas também não existem. Os colégios privados são para já a alternativa de crianças e professores ávidos em aprender e ensinar.

p.16-17

EM LUANDA

BETÃO "MATA" ESPAÇOS VERDES

Embora a primeira fase da requalificação da Zona Verde, no bairro do Alvalade, Distrito Urbano da Maianga, esteja concluída, as obras subsequentes parecem não ter fim: a Zona Verde transformou-se num dormitório. Da parte das autoridades impera o silêncio. Situação semelhante ocorre no Largo Mutu Ya Kevela.

p.28-29

LAURINDA PRAIA

APAIXONANTE PROFISSÃO DE MAQUINISTA

Laurinda Praia é uma das duas mulheres maquinistas dos Caminhos-de-Ferro de Luanda. Há dez anos, por mero acaso, apaixonou-se pela profissão anteriormente considerada de "machos". Todos os dias, ela faz o trajecto Bungo/Catete, mas ambiciona dirigir uma composição de Luanda até à província de Malanje.

p.31

MIQUEIAS MACHANGONGO | EDIÇÕES NOVEMBRO



DESEJO Maquinista quer ser reconhecida pelo seu trabalho

NOTA DO DIA



CRISTINA DA SILVA
Directora Executiva

UM GABINETE DO UTENTE FUNCIONAL

Quem nunca visitou um hospital público em Luanda deve achar uma "desgraça", por tudo o que se diz a respeito. Mas, estando por dentro, notamos que em nada perde para os privados espalhados um pouco por toda urbe. As unidades públicas, podemos notar, estão cada vez mais limpas e com uma assistência de elogiar, razão pela qual muitos pacientes, actualmente, elege-mo para tratar os casos que os preocupa.

Apesar dos bancos de urgências estarem cada vez mais cheios, o resultado final, para quem "confia" no serviço, vale sempre apenas. Muitas das enchentes que notamos nas unidades hospitalares, principalmente públicas, têm muito a ver com a falta de orientação ou informação dentro destes espaços.

Famílias inteiras permanecem por longos períodos à espera fora da unidade hospitalar e muitos até acabam por lá pernoitar, por falta de informação e garantia por parte das equipas técnicas que compõem as unidades hospitalares.

Diante disso, é cada vez mais importante que os Gabinetes de Utentes sejam funcionais e desenvolvam o real papel para o qual foram criados.

Pessoas há que estão em unidade hospitalares há mais de um mês e vivem dá solidariedade de familiares de outros doentes. O próprio Gabinete se encarregaria de buscar informação sobre aqueles e os encaminharia às respectivas famílias. É preciso que se active o Gabinete de Utente, para uma maior humanização. Com este serviço, as famílias depositam mais confiança nas equipas médicas que cuidam dos seus familiares internados, há maior interacção entre pacientes e a direcção do hospital, reduz-se as reclamações e faz-se sugestões para a melhoria da qualidade do serviço prestado.

Luandando

DOMINGOS DOS SANTOS
Jornalista



A ASSUSTADORA VIA PARA A MORTE

Recentemente, um familiar a residir em Lisboa, Portugal, sofreu um acidente, depois de embater com a sua viatura num poste, numa rua sem iluminação pública. A polícia, apontou como provável causa do acidente exactamente a falta de iluminação pública, numa zona onde, mesmo com os máximos, o automobilista não consegue divisar os obstáculos à frente. Dias depois, a rua em causa foi completamente iluminada.

Cá entre nós, os acidentes de viação continuam a fazer muitas vítimas. A Brigada Especial de Trânsito (BET) registou, na Via Expresso, no primeiro trimestre deste ano, mais de 70 acidentes, que resultaram em 10 vítimas mortais. Em 2017, no mesmo período, foram contabilizados mais de 90 acidentes e 14 pessoas morreram, ou seja, houve, este ano, uma redução no número de acidentes e de vítimas mortais.

As causas dos acidentes são, regra geral, excesso de velocidade, condução sob efeito de álcool, travessia de peões em locais impróprios, falta de iluminação e sinalização, em quase toda a sua extensão. Podemos acrescentar à lista a falta de consciência dos automobilistas, que, perante essas adversidades, não optam por uma condução prudente.

A falta de iluminação pública, embora não seja o factor principal dos acidentes, podia ser retirada da lista das principais causas, com a colocação de lâmpadas e a reposição dos cabos roubados por pessoas de má-fé, mais interessadas em satisfazer os seus propósitos, em prejuízo da maioria. Infelizmente, ao contrário de Lisboa, onde foi de imediato resolvida a questão da falta de iluminação pública, na rua onde ocorreu o acidente, em Luanda nota-se falta de vontade em tornar essa via e as outras também mais iluminadas. Na Via Expresso, da ponte do 25 até Cacucaco, a escuridão é total. Nem com os faróis no máximo o automobilista consegue ver os peões durante a travessia. O troço entre os Comandos da Brigada Especial de Trânsito (BET) e da Polícia de Guarda Fronteiras, instituições também quase sempre às escuras, e a centralidade do Sequele é onde se regista muitos acidentes de viação e atropelamentos.

Muitos questionam sobre o que seria prioridade nessa via: a colocação de um novo tapete asfáltico (o antigo não estava tão mal assim, comparado com outras vias de Luanda em estado lastimável) ou a instalação de iluminação pública? Quanto tempo vai levar para a reposição da iluminação pública na Via Expresso? Enquanto esperamos pelas respostas, os números agora divulgados pela BET vão, até final de 2018, continuar a aumentar. É preciso atacar as causas dos acidentes. A iluminação pública é uma delas. Ao se resolver esse problema, já não será apontado como um dos principais factores dos acidentes ocorridos na Via Expresso.

Postal da Cidade

Escreva-nos por e-mail para: jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao



Respeito pela vida MOTOQUEIRO IMPRUDENTE

Numa altura em que semanalmente ouvimos muitos casos de mortes que acontecem nas estradas da cidade por inúmeras razões, ainda existe alguns cidadãos que não tem respeito pela vida. Mesmo com avisos de sensibilização dos agentes da polícia que constantemente chamam atenção e aplicam muitas multas para desta forma apelar a consciência e de certa forma mudarem de atitude, ainda continuamos a ver muita resistência por parte de muitos motoqueiros que não querem mudar de atitude.

Recentemente na Avenida 21 de Janeiro nas proximidades da Unidade de Guarda Presidencial (UGP) dois jo-

vens numa moto com um sorriso a pensar que a cena era especular. E para o nosso espanto, o pendura para além de segurar o capacete do condutor para que não caísse, ainda tirava self, numa demonstração de gozo mesmo estando em alta velocidade. Aí, aquela cena chamou atenção do repórter fotográfico que rapidamente fez várias fotos.

Esta situação, é apenas o reflexo de muitos casos idêntico que acontecem nas ruas de Luanda por motoqueiros imprudentes, e geralmente acabam em situações que chocam a sociedade com inúmeros acidentes fatais. Queremos, chamar atenção aos motoqueiros que sejam mas responsáveis e prudentes nos seus actos.

A palavra ao leitor



Melhorias nos hospitais

Durante muito tempo as pessoas reclamavam do atendimento pouco ético dos funcionários dos hospitais públicos, principalmente porque muitos deles exigiam a famosa "gasosa" àqueles que precisassem de ser atendidos ou internados. Hoje, embora ainda se recorra à práticas pouco dignas, mais facilmente encontramos profissionais mais comprometidos com o trabalho. Aqui, quero agradecer a forma como alguns gestores de hospitais públicos têm acompanhado e garantido um bom funcionamento das unidades que gerem.

Helda Francisco
Viana

Polícia Nacional

Quero agradecer o bom trabalho que os agentes de uma Esquadra da Polícia Nacional fizeram ao atenderem, prontamente, a uma chamada que denunciava som altíssimo de música numa festa, no Benfica. Em menos de 15 minutos, após um telefonema, a PN resolveu a situação. Grande atitude!

Leonel Pedro
Benfica

Transporte Público

O défice de transportes públicos na capital é preocupante. Para piorar a situação estão os autocarros que, pela lentidão que imprimem e pelas longas distancias que percorrem, levam a que muitos funcionários se atrasem para o trabalho. Vimos pela televisão muitos autocarros novos de uma certa empresa de transporte colectivo. Onde param os meios?

Pedro Sebastião
Cazenga

LUANDA

Directora Executiva: Cristina da Silva

Sub-Editora: Rosalina Mateta

Secretária de redacção: Maria da Gama

Jornalistas: António Pimenta, Arcângela Rodrigues, Fula Martins, Helma Reis, João Pedro, Mazarino da Cunha, Manuela Mateus, Nilsa Massango e Neusa de Menezes

Fotógrafos: Francisco Bernardo, Rogério Tuti, Contreiras Pipa, Domingos Cadência, João Gomes, M. Machangongo e Kindala Manuel

Designer: Irineu Caldeira, Adilson Félix & Sócrates Simóns

Morada: Rua Rainha Jinga 12/26. Caixa Postal: 13 12

Telefone: 222 02 01 74/222 33 33 44 Fax: 222 33 60 73

Mail: jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

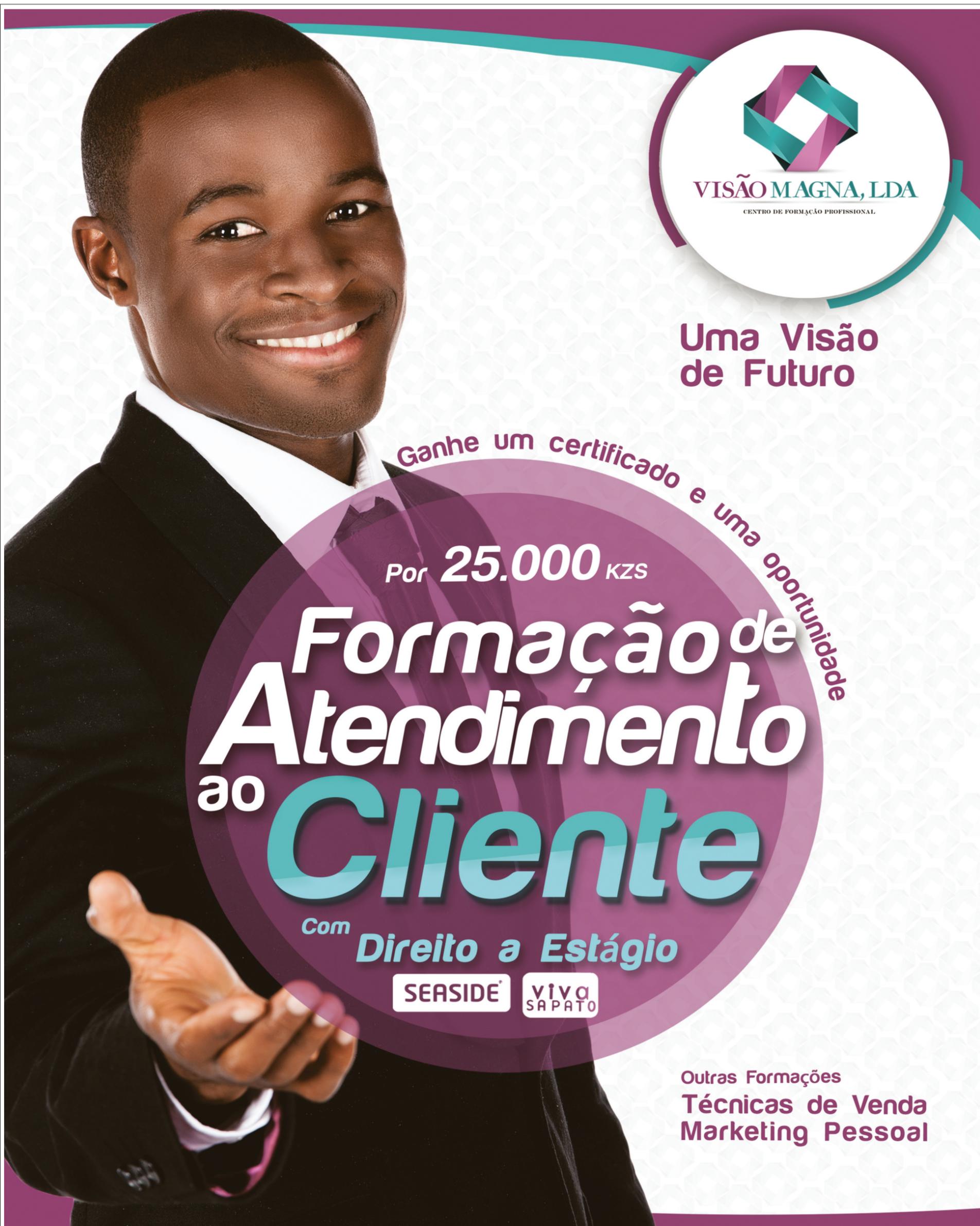
Publicidade: (+244) 926 40 69 29/923 40 27 00 EMAIL: antonio.goncalves@edicoesnovembro.co.ao

EDIÇÕES NOVEMBRO E.P.
JORNAL DE ANGOLA | JORNAL DOS DESPORTOS

Presidente do Conselho de Administração: Vítor Silva

Administradores Executivos:
Caetano Pedro da Conceição Júnior,
José Alberto Domingos, Carlos Alberto da Costa Faro Molares D'Abri,
Mateus Francisco João dos Santos Júnior

Administradores não Executivos:
Olimpio de Sousa e Silva, Catarina Vieira Dias da Cunha



Uma Visão de Futuro

Ganhe um certificado e uma oportunidade

Por 25.000 KZS

Formação de Atendimento ao Cliente

Com Direito a Estágio

SEASIDE

VIVA SAPATO

Outras Formações
Técnicas de Venda
Marketing Pessoal

Parceiro



Rua Liga Nacional Africana, Prédio nº 27 / 4º A/prt b, Luanda

991 161 842 | visaomagna@gmail.com | [visaomagna](https://www.facebook.com/visaomagna) | [visaomagna](https://www.instagram.com/visaomagna)

(400.012)

Certificados pelo





VULNERABILIDADES CHUVA DESTRÓI VEDAÇÃO

O perímetro do Aterro Sanitário dos Mulenvos é de 8 mil metros lineares. É limitado por diversos rios-seco e por uma vasta área acidentada. Quando chove, criam-se ravinas, que contribuem para a destruição da vedação. Essas vulnerabilidades criam dificuldades no patrulhamento nocturno.



AUGUSTO KINGUARI NEGÓCIO ANTIGO E DE GRANDE PROCURA

"O negócio não é novo, vem de muito tempo. Havia reduzido substancialmente, nos últimos tempos, devido à crise, mas já foi mais intenso num passado muito recente. Hoje, as pessoas têm consciência de que os produtos são impróprios para a saúde"

SAÚDE PÚBLICA

EDUARDO PEDRO | EDIÇÕES NOVEMBRO



Negócio Durante o dia, os funcionários fazem os contactos e à noite vendem

Aterro Sanitário "vende" produtos fora do prazo

Funcionários da Elisal e agentes da Polícia Nacional, destacados no Aterro Sanitário, são acusados pelos moradores dos Mulenvos de comercializarem produtos expirados destinados a destruição. A corporação refuta as acusações e diz que as mercadorias são desviadas no trajecto entre os armazéns e o Aterro Sanitário e, depois, vendidos no mercado paralelo, sem o envolvimento dos seus agentes. Entretanto, apesar dos esforços envidados, não foi possível ouvirmos a versão da Elisal, em relação ao assunto.



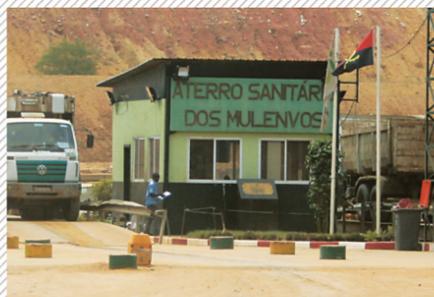
COMANDANTE Alberto Gomes desmente acusações dos moradores

EDIÇÕES NOVEMBRO



**ALBERTO GOMES
A RESPONSABILIDADE
É DAS EMPRESAS**

“Não é responsabilidade da Corporação detectar, na origem, os produtos expirados ou deteriorado, mas sim dos proprietários das superfícies comerciais. A nossa responsabilidade é garantir que os produtos sejam pesados e destruídos”.



**ASSEGUAMENTO
SEGURANÇA DO ATERRO**

Além da Polícia, existem outros órgãos que garantem a segurança do Aterro Sanitário dos Mulenvos, nomeadamente, a ELISAL e a empresa G4, que protegem a incineradora. A polícia está no local exactamente para impedir o desvio dos produtos destinado à destruição.

Fula Martins

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Os trabalhadores da Empresa de Limpeza e Saneamento de Luanda (Elisal) e elementos da Polícia Nacional, afectos à 3ª Unidade de Protecção de Objectivos Estratégicos (UPPOE), estão a ser acusados de comercializar diversos produtos expirados, que, em princípio, deviam ser destruídos no Aterro Sanitário, localizado no bairro dos Mulenvos.

Celeste Domingos, residente há cinco anos no bairro “Ana Paula”, revela que trabalhadores do Aterro Sanitário têm procurado clientes interessados em adquirir produtos que são depositados para destruição, por terem vencido os prazos de validade. Conta que, há alguns dias, por volta das 21 horas, deparou-se com uma motorizada de três rodas, conduzida por agentes da Polícia Nacional, com diversas caixas de frango e carne expirados, para serem comercializados naquele bairro.

“Se tivéssemos uma máquina fotográfica, na altura, tirávamos fotos desses polícias para denunciá-los”, disse a senhora, acrescentando que o negócio geralmente é realizado no período da noite. “De dia, os funcionários fazem os contactos e, de noite, vendem os produtos”, denunciou.

A moradora confirmou que os agentes em causa pertencem à UPPOE, destacados no Aterro Sanitário. “Os agentes que saíram com a motorizada carregada com mercadoria pertencem a essa unidade”, garantiu.

Augusto Kinguari, outro morador, refutou as acusações segundo as quais os moradores têm invadido o Aterro Sanitário, em busca de produtos alimentares expirados para comercializá-los no mercado paralelo. Segundo o testemunho, são os funcionários do aterro que trazem os produtos cá para fora, para vender aos moradores.

“Funcionários com farda da Elisal aparecem transportados em carrinhas cheias de produtos, como carne, peixe, frangos, fiambre, chouriço, salsichas, queijo e vendem à população”, acusou, confirmando, igualmente, o envolvimento dos agentes da polícia no negócio.

Augusto Kinguari, morador há dois anos, nos Mulenvos, disse que o negócio não é novo, vem de muito tempo.



REVELAÇÃO A Polícia Nacional afirma que os produtos expirados são desviados no trajecto entre os armazéns e o Aterro Sanitário dos Mulenvos

“O negócio reduziu um pouco, devido à crise, mas já foi mais intenso num passado muito recente”, garantiu. O morador acrescentou que as pessoas hoje têm consciência de que os produtos são impróprio para a saúde. Mas, infelizmente, ainda há aqueles que insistem nesse tipo de negócio”, lamentou.

DOENÇAS

António Katandala, técnico de saúde pública, alerta a população que o consumo de produtos expirados pode causar doenças graves como alergias e intoxicação intestinais quer podem levar a morte da pessoa. “É perigoso o consumo de produto que com prazo expirados”, aconselhou.

O profissional de saúde defendeu ser necessário a Polícia Nacional e a Inspeção-Geral do Comércio fiscalizarem o transporte de produtos expirados entre os supermercados e o Aterro Sanitário, para que não sejam desviados para o mercado paralelo. “É durante o trajecto tudo pode acontecer”, disse.

POLÍCIA NEGA ACUSAÇÕES

O comandante da 3ª Unidade da Polícia de Protecção de Objectivos Es-

tratégicos, superintendente Alberto Gomes, nega as acusações dos moradores. Segundo o oficial superior da Polícia Nacional, as mercadorias são desviadas no trajecto entre os armazéns e o Aterro Sanitário e, depois, vendidas no mercado paralelo, sem o envolvimento dos agentes da corporação. “Os produtos, quando saem dos armazéns, não são escoltados e a Polícia desconhece o que acontece durante o trajecto”, disse o comandante.

Alberto Gomes explicou que não é responsabilidade da Polícia Nacional detectar, na origem, os produtos com tempo de validade vencido ou deteriorado, mas sim dos proprietários das superfícies comerciais.

“A responsabilidade da polícia é garantir que os produtos sejam pesados e destruídos depois de chegarem ao aterro”, explicou.

O superintendente garante que os agentes daquela unidade estão orientados a se absterem dessas práticas e, se forem apanhados a desviar produtos estragados para a comercialização, são submetidos a um processo disciplinar, que pode culminar com a expulsão da corporação.

A autoridade exortou os moradores a se dirigirem àquela unidade para denunciar, caso hajam provas, os agentes envolvidos nesse negócio.

“A população deve denunciar todos aqueles que colocam em perigo a saúde pública”, defendeu, apelando aos responsáveis das empresas envolvidas na segurança do aterro a sensibilizarem os seus efectivos para se absterem dessas práticas.

Além da 3ª Unidade da Polícia de Protecção de Objectivos Estratégicos,

existem outros órgãos que garantem a segurança do Aterro Sanitário dos Mulenvos, nomeadamente, a ELISAL e a empresa G4, que protegem a incineradora.

A polícia está no local exactamente para impedir a saída dos produtos destinados à destruição.

VULNERABILIDADE

O perímetro do aterro sanitário dos Mulenvos é de 8 mil metros lineares. É limitado por diversos rios-seco e por uma vasta área acidentada. Quando chove, criam-se ravinas, que contribuem para a destruição dos postos de vedação.

O superintendente Alberto Gomes reconheceu que essas vulnerabilidades têm influenciado no patrulha-

mento nocturno. Por isso, foi endereçada uma carta ao presidente do Conselho de Administração da Elisal a solicitar a resolução do problema da iluminação pública e da vedação destruída. “A Elisal, na qualidade da gestora do aterro, deve colocar no local, torres de iluminação pública e repor a vedação destruída, para que possamos fazer um patrulhamento mais eficaz no perímetro do Aterro Sanitário”, disse.

O Luanda, *Jornal Metropolitano*, constatou, no local, que parte da vedação foi destruída pelas chuvas que se abateram, nos últimos tempos, sobre Luanda. Este cenário contraria informações que apontavam os moradores como autores do roubo da vedação.

“Se tivéssemos uma máquina fotográfica, na altura, tirávamos fotos desses polícias para denunciá-los. O negócio geralmente é realizado no período da noite. De dia, os funcionários fazem os contactos e, de noite, aparecem com os produtos”



MORADOR Augusto Kinguari



MORADORA Celeste Domingos

EDUARDO PEDRO | EDIÇÕES NOVEMBRO



FEIRA POPULAR HISTÓRIAS E RECORDAÇÕES QUE O TEMPO LEVOU

No espaço ficaram as recordações e uma nova versão da feira que emergiu em forma de mercado ou uma panaceia de outras coisas meramente mercantis, não importa a natureza. O tempo levou com ele as letras e até as máquinas de diversão.



FEIRA NGOMA DEMOLIDA PELA ADMINISTRAÇÃO

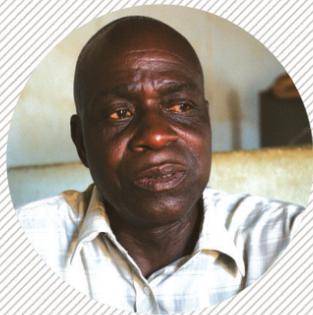
A antiga Feira Ngoma, localizada na Avenida dos Combatentes, em Luanda, que durante vários anos esteve ilegalmente ocupada por grupos de vendedores, foi totalmente demolida, no dia 22 de Junho de 2009, pela Administração do Sambizanga.

COMÉRCIO

EDUARDO PEDRO | EDIÇÕES NOVEMBRO

Antigas feiras entregues à própria sorte





**MANUEL RAFAEL
AVISOS DE ENCERRAMENTO
SÃO CONSTANTES**

Entre fechar ou não, a verdade é que esses são os avisos que a gestão da feira recebe com uma certa regularidade da empresa proprietária do espaço, no caso o Petro de Luanda. Enquanto os avisos vão se sucedendo a vida na feira continua.



**DROGA E PROSTITUIÇÃO
MALES QUE IMPERAM**

O consumo de álcool, droga e prostituição são males que acontecem em quase toda a cidade de Luanda e a Feira Popular não está isenta. Por outro lado, os vendedores vivem o "susto" de um possível encerramento aguardado há vários anos.

Mazarino da Cunha
jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Das vezes que passamos pelo viaduto da Unidade Operativa em Luanda tentamos decifrar, à distância, a frase estampada na parte superior da entrada principal da Feira Popular: "FEIRA POP ... LUN", era o que os olhos nos davam a ver e por mais esforço que fazíamos, a interpretação não se apresentava nada fácil para quem não conhece e nunca passou por aqueles lados. Onde se lê FEIRA POP...LUN, seria na sua versão mais correcta, FEIRA POPULAR DE LUANDA, que, há muitos anos, deixou de exercer o papel pelo qual foi criado. No espaço ficaram as recordações e uma nova versão da feira que emergiu em forma de mercado ou uma panaceia de outras coisas meramente mercantis, não importa a natureza. O tempo levou com ele as letras e até as máquinas de diversão, cujo escombros ainda hoje se podem encontrar no local. Para quem conheceu, o estado actual traz a mente, com alguma nostalgia, os ambientes áureos dos anos 90.

Movidos por essa curiosidade e a vontade de matar as saudades dos anos de 1995, altura em que foi inaugurada, de repente pedimos ao cobrador do táxi, vulgo "Kandongueiro", para parar em frente a Feira. O táxi fazia Maianga/ Congolese e entramos para uma visita inesperada ao seu interior. À primeira vista, deparamo-nos com as tendas de roupa e barracas de comeres e beberes. Tudo feito de forma rudimentar e com muito ferro-velho a sua volta. Grupos de jovens entreteriam-se a dar o "brilho", as viaturas, enquanto os proprietários tomavam as suas refeições nas tendas. Do lado oposto, os vendedores de roupa acompanhavam os clientes a medida que esses iam entrando ou saindo, na maior parte dos casos, por outras motivações menos a de comprar roupa. Tudo estava exposto como se fosse mesmo uma feira, que de feira propriamente dito resta apenas o nome. De resto, há anos que se transformou num espaço sem praticamente definição das actividades que desempenha.

"Anualmente recebemos avisos de encerramento da feira para obras de requalificação. Quando isso acontece, eles proibem-nos de alugar os espaços para qualquer actividade comercial"



MUDANÇA Nove anos depois o espaço que antes acolheu a Feira Ngoma tem sido usado para estacionamento e lavagem de viaturas

"A feira já bateu, mas agora está malaique. Mesmo de noite já não cuia como antes", atirou Gomes Fonseca, o nosso amigo de ocasião, em jeito de desabafo e com ares de quem queria satisfazer a nossa curiosidade.

Para uma conversa mais formal, rumamos para a administração da feira, onde fomos recebidos, à porta, pelo senhor Manuel Rafael, que atende pelo departamento dos Recursos Humanos.

Na conversa que tivemos, começou por lamentar o estado lastimoso em que se encontra a feira, cujo futuro continua incerto. "Anualmente recebemos avisos de encerramento da feira para obras de requalificação. Quando isso acontece, eles proibem-nos de alugar os espaços para qualquer actividade comercial, mas na prática nada acontece", aclarou.

Entre fechar ou não, a verdade é que esses são os avisos que a gestão da feira recebe com uma certa regularidade da empresa proprietária do espaço, no caso o Petro de Luanda.

Depois a falência, em 2002, a Feira de Luanda que foi o primeiro centro de diversão, dedicado a esse tipo de entretenimento, com grande relevância para a diversão e lazer, o local foi tomado por dezenas de vendedores que transformaram o espaço num verdadeiro centro comercial, dedicado a venda de produtos de vária ordem.

"Enquanto os avisos vão se sucedendo a vida na feira continua", frisou Manuel Rafael.

A venda no local acontece todos os dias, nos períodos da manhã e à noite. Enquanto uns instalam barracas e lonas, outros aperfeiçoam os espaços, legalizados, pela administração, pagando regularmente uma quota.

Questionado sobre a segurança no local, Manuel Rafael evitou uma resposta clara a nossa pergunta referindo que o assunto já não representa novidade para ninguém em Luanda. O consumo de álcool, droga e a prostituição são males que acontecem em quase toda a cidade de Luanda", sublinhou Manuel Rafael. De acordo com o nosso interlocutor existe no total 31 trabalhadores efectivos, muitos dos quais, com mais de 25 anos de serviço e algumas centenas de vendedores que vivem o "susto" de um possível encerramento aguardado há vários anos.

Com vista a obtermos mais esclarecimentos a respeito contactamos a direcção do Petro de Luanda, que, sem avançar muitos detalhes confirmou estarem em curso negociações entre a Direcção do Petro e a Sonangol para definirem o futuro da Feira Popular de Luanda.

O director de Publicidade e Marketing, Cláudio Silva, afirmou não estar em condições de avançar mais pormenores. Neste momento a direcção do Petro não está em condições de dar mais informações, mas prometemos fazê-lo quando estiver tudo concluído", afirmou Cláudia Silva, no contacto telefónico que manteve com o *Luanda, Jornal Metropolitano*.

Se por um lado a antiga Feira Popular de Luanda vive o "susto" da demolição a qualquer altura, o mesmo não se pode dizer da antiga

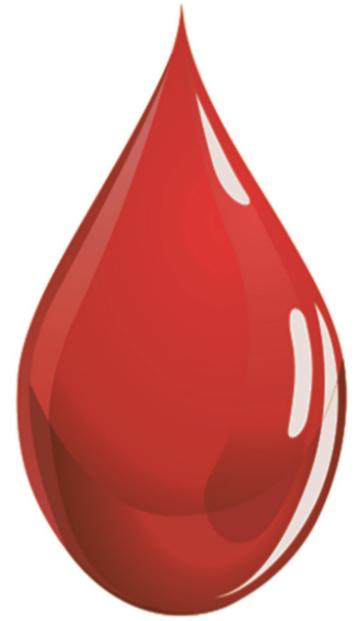
Feira Ngoma. O espaço que durante vários anos foi ilegalmente ocupada por grupos de vendedores, na Avenida dos Combatentes, em Luanda, foi totalmente demolido, no dia 22 de Junho de 2009, pela Administração Municipal do Sambizanga. Depois da demolição, o local se transformou num espaço utilizado para estacionamento e lavagem de viaturas.

Aberta na década de 80, a Feira Ngoma congregava no seu interior 93 lojas de comércio geral, 18 restaurantes e similares e outras de prestação de serviços.

Na altura, os feirantes pagavam quotas pelo aluguer dos espaços com valores que oscilavam entre 250 à 500 dólares americanos. O espaço esteve durante muitos anos sob gestão do antigo treinador de futebol, do Interclube, Severino Miranda Cardoso "Semica".

AGOSTINHO NARCISO | EDIÇÕES NOVEMBRO

**Doe Sangue
Salve uma Vida**
Faça Parte desta Causa!



INSTITUTO NACIONAL DE SANGUE

GOVERNO DE
ANGOLA
MINISTÉRIO DA SAÚDE

★ FESTIVAL DE MÚSICA KIZOMBA DE ANGOLA ★

11ª EDIÇÃO



AGORA CHEGOU A SUA VEZ !

SE VOCÊ É JOVEM E CANTA O ESTILO KIZOMBA FAÇA JÁ A SUA INSCRIÇÃO NO MAIOR FESTIVAL DE MÚSICA KIZOMBA DE ANGOLA E HABILITA-SE A GANHAR VALIOSOS PRÉMIOS

INSCRIÇÕES ABERTAS DE

01 A 30

FEVEREIRO DE ABRIL

LOCAIS DE INSCRIÇÃO

STROMP, DISCOTECA VALÓDIA, BOUTIQUE LWEI
E NA RECEPÇÃO DO HOTEL TROPICANA
(NA RUA COMANDANTE VALÓDIA)

Site: WWW.INGRESSOPRATICO.CO.AO

Linha de Apoio: 222 040 464 / 923867723

DUPLA FULL SECÇÃO

VENCEDORES DO FESKIZOMBA ANGOLA 2017

■ APOIOS



■ MEDIA PARTNER



■ APOIOS INSTITUC.



■ REALIZAÇÃO





SERVIÇOS ESSENCIAIS PERCORRER LONGAS DISTÂNCIAS

No "Mayé-Mayé" não só o emprego fica distante. O comércio, bancos, hospitais e escolas também ficam longe. Falta, igualmente, uma esquadra de polícia, para garantir a ordem e a tranquilidade pública. Para pagar as contas da água e da luz, os moradores deslocam-se ao Sequele.



FELIZARDO DOS SANTOS FALTAM TRANSPORTES PÚBLICOS

"Nós não temos carro pessoal, como é que vamos nos deslocar? Como isso é possível? Vieram meter as pessoas distantes de todos os serviços essenciais, abandonados à sua sorte. O meu problema não é se as casas são grandes ou pequenas, mas sim à distância".

REALIDADE

VIGAS DA PURIFICAÇÃO | EDIÇÕES NOVEMBRO

Mayé-Mayé, uma vida nova longe de tudo e de todos

É nas proximidades da Centralidade do Sequele onde surge esta nova urbanização de três mil casas sociais, para receber as pessoas desalojadas das zonas de risco da Boavista, Sambizanga, Bagdad e Rangel.

Domingos dos Santos
jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Em Abril de 2017, Maria Madalena, 45 anos, viu a chuva destruir parte da sua residência na Boavista, Distrito Urbano do Sambizanga. Saiu dali para a casa de familiares, apenas com a roupa do corpo e um televisor plasma de 60 polegadas na mão. Meses depois, ela ganhou novo endereço, no projecto "Mayé-Mayé", em Cacuaço. Infelizmente, ganhou uma nova casa, mas perdeu o emprego de doméstica na cidade, porque, disse-lhe a patroa, "vive longe demais".

É nas proximidades da Centralidade do Sequele onde surge esta nova urbanização de três mil casas sociais, para receber as pessoas desalojadas das

zonas de risco da Boavista, Sambizanga, Bagdad e Rangel. O projecto é implementado pelo Ministério da Construção e Obras Públicas, através da Direcção Nacional de Infra-estruturas Públicas, e está orçado em mais de 137 milhões de dólares.

É o local onde pessoas como a dona de casa Maria Madalena recomeçam a vida, "longe de tudo e de todos". Maria viveu a sua existência tendo como companheiro constante o medo das cheias. Por isso, mostrou-se emocionada ao receber a chave da sua nova casa, do tipo T3.

"Estou muito feliz. Minha vida vai ser melhor agora", disse, ao lembrar dos muitos momentos "terríveis" vividos nas barrocas da Boavista. "Vivíamos sempre com medo, quando chovesse", lembrou.





**ERMELINDA LUÍS
A DISTÂNCIA
NÃO É UM PROBLEMA**

“Já estou habituada. Não pensei na distância. Por isso vim logo. Saio de casa as 5h30 e chego a tempo ao meu local de trabalho. Não vou de boleia. Vou de táxi. As pessoas é que meteram na cabeça que é muito distante o local em que vivemos”.



**PROJECTO
TRÊS MIL CASAS SOCIAIS**

Três mil casas sociais serão construídas no Projecto Habitacional Mayé-Mayé, sendo duas mil do tipo T3 e mil T2, numa área de 160 hectares. Orçado em mais de 137 milhões dólares, o projecto, prevê ainda a construção de um sistema de drenagem de água, além da rede viária.

Maria estava longe de imaginar que, um mês depois, a alegria por ter recebido a casa nova iria se transformar em tristeza, quando a patroa lhe comunicou a rescisão do contrato, devido aos atrasos constantes. Agora desempregada, Maria dedica-se à venda de bebidas alcoólicas durante o dia, à porta de sua casa. “A distância era e é um problema. E para quem quer, fica difícil arranjar emprego”, lamenta.

A vida no “Mayé-Mayé” é tranquila. A sua preocupação agora são os pagamentos mensais das contas da luz e da água, coisa rara na Boavista, onde o fornecimento não era constante e vivia de ligações anárquicas.

“Aqui, temos esses serviços todos os dias, por isso, devemos pagar por eles”, reconheceu.

Tal como Maria Madalena, Felizardo dos Santos, 72 anos, deixou para trás uma residência, já demolida, onde viveu por mais de 40 anos, no Distrito Urbano do Rangel. No “Mayé-Mayé”, ele beneficiou de três residências do tipo T3, sendo uma onde mora e outras duas, onde estão dois dos seus filhos.

“Vivi, primeiro, na Terra Nova, junto ao Centro de Saúde do Beiral. Depois, fui viver para outra casa, comprada na Junta Nacional de Habitação, junto à linha férrea, onde fiquei por 40 anos”, revelou-nos.

Felizardo dos Santos, nascido na comuna da Funda, em 1946, considera “normais” as novas habitações, mas também reclama da distância.

“O meu problema não é se as casas são grandes ou pequenas, mas sim a distância”, reclama ele, um antigo trabalhador da ETP, aposentado há 18 anos. A zona não dispõe de transportes públicos, nem dos vulgos candongueiros. Quando alguém pretende deslocar-se utiliza moto-taxistas, que o leva até à estrada principal do Sequele, onde estão proibidos de circular.

“Nós não temos carro pessoal, como é que vamos nos deslocar? Como isso é possível? Vieram meter as pessoas distantes de todos os serviços essenciais, abandonados à sua sorte”, lamenta Felizardo dos Santos, que reclama também do intenso calor e da poeira, que se que se faz sentir no local.



ANCIÃO Felizardo dos Santos

NÃO HÁ ESCOLA NEM CENTRO DE SAÚDE

No “Mayé-Mayé” não só o emprego fica distante. O comércio, bancos, hospital e escolas também ficam longe. Falta, igualmente, uma esquadra de polícia, para garantir a ordem e a tranquilidade públicas. A dona de casa Domingas António diz que precisa se deslocar até ao Sequele para ir ao mercado e pagar contas da água e da luz.

Devido à mudança, os filhos dela, que em Janeiro já estavam matriculados num dos estabelecimentos de ensino do Sambizanga, ficaram sem estudar este ano lectivo, por falta de escola no “Mayé-Mayé”. Ela diz não ter dinheiro para inscrevê-los nas escolas mais próximas no Sequele. “Quem tem dinheiro, colocou os filhos a estudar. Eu, infelizmente, não tenho. Por isso, este ano, os meus filhos vão ficar sem estudar”, lamentou.

Viúva, Domingas chegou ao “Mayé-Mayé” a 20 de Fevereiro de 2018, acompanhada da família, depois de deixar a casa onde viviam, nas imediações do antigo mercado Roque Santeiro, no Distrito Urbano do Sambizanga. Ao conhecer a nova casa, um sorriso iluminou-lhe o rosto, pois, aos 60 anos, dizia ser a oportunidade para um novo recomeço, com alguma dignidade e qualidade de vida, numa habitação social com as mínimas condições.

A casa possui três quartos, sala, cozinha, casa de banho e espaço para a construção do quintal. Domingas reclama do pouco terreno deixado para o efeito e conta que a antiga casa do Sambizanga, apesar de precária, tinha um vasto quintal e marquise. “Este espaço para quintal é pequeno. Onde vivíamos antes, o quintal era bem grande. Isto é ‘cavaranda’ e não quintal”, disse.

Domingas pediu para serem compensados com duas casas (T3 e T2), mas o Governo negou-lhes a intenção. A recusa, revelou-nos, deixou-a “frustrada” e com vontade de regressar à sua terra natal, comuna do Kota, município de Kalandula, em Malanje, para se dedicar à agricultura.

“Eu não queria vir. A ideia era conseguir dinheiro e voltar para o Kota, em Malanje, para dedicar-me à agricultura. Os meus filhos aconselharam-me a aceitar esta casa”, explicou.

A casa, segundo Domingas António, é boa, mas aquece muito. Algumas casas têm tecto falso e outras não. A solução, para muitos moradores, tem sido a instalação de ar condicionado. Para Domingas António, esse é um “luxo” que não está ao seu alcance. Não tem dinheiro para adquirir o aparelho.

“É muito caro”, lamentou, sublinhando que a casa, por enquanto, ainda não tem rachaduras. “Não sei com o tempo. Vamos ver”, disse.



DOMINGAS Quer ver os filhos a estudar



ERMELINDA É uma mulher feliz pela casa

**DO ARRENDAMENTO
PARA CASA PRÓPRIA**

Há três anos, Ermelinda Luís, que morava numa casa arrendada na rua M do bairro Palanca, comprou uma barraca na Boavista, para fazer negócio. Ela mal sabia que, por via desse negócio, iria realizar o sonho da casa própria. Com a demolição das barrocas e realojamento dos moradores da Boavista, ela também foi beneficiada. Recebeu uma casa T2 no “Mayé-Mayé” e, sem pensar duas vezes, deixou para trás a renda mensal de 16 mil kwanzas, que pagava por uma casa de dois quartos e sala, sem cozinha e casa de banho comum. O quintal servia a todos os arrendatários, no Palanca.

Desde Novembro de 2017, ela, o esposo e os dois filhos, que estudam na escola primária do Sequele, vivem na nova habitação. Conta que a distância para si não é um problema.

“Não pensei na distância. Vim logo. Já estou habituada”, afirmou Ermelinda, funcionária da Base Aérea Nº1 da Força Aérea Nacional. Todos os dias, sai de casa as 5h30 e chega sempre a tempo ao seu local de trabalho.

“Não vou de boleia. Vou de táxi. As pessoas é que meteram na cabeça que é muito distante o local em que vivemos. No Zango, também era distante, mas hoje compras uma T2 a cinco milhões de kwanzas”, disse.

Agora, frisou, tem um lugar para envelhecer com segurança, sem se preocupar com o fim do contrato de arrendamento. “Temos agora a nossa casa para descansar e um quintal só para nós”, disse. Ela também lamenta a proibição da circulação dos moto-táxis no interior da cidade do Sequele. “As crianças são obrigadas a ir a pé para escola devido a essa situação”, reclamou. **DS**



BENEFICIÁRIOS Desalojados das zonas de risco da Boavista, Sambizanga, Bagdad e Rangel

TRÊS MIL CASAS SOCIAIS

Cerca de três mil casas sociais serão construídas no projecto habitacional Mayé-Mayé, sendo duas mil do tipo T3 e mil T2, numa área de 160 hectares. Orçado em mais de 137 milhões dólares, o projecto, que devia ficar concluído em Fevereiro de 2018, prevê ainda a construção de um sistema de drenagem de água, além da rede viária.

Além das 550 casas sociais já concluídas, também estão em construção outras 450 e

as suas respectivas infra-estruturas. Em construção, estão igualmente 1.168 apartamentos do tipo T3. Informações colhidas no local, referem que esses apartamentos, ao contrários das casas sociais que foram entregues aos desalojados das zonas de risco, serão vendidos a todos aqueles que estiverem interessados em adquiri-los. A nossa reportagem tentou ouvir o Ministério da Construção e Obras Públicas,

para saber os motivos dos atrasos registados na conclusão das obras, mas não foi possível, por indisponibilidade da nossa fonte.

Ainda no Sequele, está também em construção casas sociais do tipo T1, apelidadas de “tchuna baby” pela população. Segundo apuramos, trata-se de uma iniciativa privado e as casas estão a ser vendidas a 500 mil kwanzas. **DS**



FILANTROPIA INICIATIVA QUE ANIMA O FUTURO

Recentemente, a Fundação Sol, encabeçada pela presidente do conselho de administração, Tânia Garcia, doou ao Centro de Acolhimento São Martinho de Lima quantidades significativas de bens alimentares e outros meios como camas e televisores.



MARIANA FILIPA CUMPRIMENTO DE REGRAS É OBRIGATÓRIO

"Estou há pouco mais de dois meses no lar. O cumprimento obrigatório de regras de convivência e orientações que recebemos da tutora têm estado a contribuir para o nosso crescimento intelectual. Gostaria de ser técnica superior de enfermagem"

CENTRO DE ACOLHIMENTO

São Martinho de Lima realiza o sonho de jovens carenciados

Criado há aproximadamente três anos, o Centro de Acolhimento São Martinho de Lima tem dedicado a sua acção na realização do sonho de jovens e adolescentes, oriundos de famílias carenciadas. O espaço, localizado no Distrito Urbano do Benfica, próximo à Via Expresso, acolhe, actualmente, 90 pessoas, que, sob orientação de missionários católicos, têm, agora, motivos para encarar o futuro com esperança.

Adalberto Ceita
jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Aos 25 anos de idade, António Franco tem inúmeros motivos para acreditar na realização dos seus sonhos. Contudo, nem sempre foi assim. Órfão de pai desde os 14 anos, reside há dois no bairro "São Martinho de Lima".

O jovem, que, anteriormente, vivia com a mãe e os irmãos mais novos, passou por muitas dificuldades até chegar ao centro. Apesar de toda boa vontade, explicou, a sua mãe tem sido incapaz de cumprir, cabalmente, o seu papel.

Antes de entrar no centro, António Franco tinha pouco ou quase nenhum motivo para acreditar nos seus sonhos. E confessou que os anos fora do sistema de ensino, depois de ter concluído o Médio, abalaram-no profundamente. A luz no fundo do túnel apareceu no dia em que, numa conversa com o Padre Amaro Manuel, soube da existência do centro. Daí até à sua entrada foi apenas um pequeno passo. Por conta do "São Martinho de Lima", António Franco e outros 15 jovens frequentam o ensino superior.

"Frequento o II ano do curso de Direito. Não tenho razões de queixas, pois temos o apoio do nosso padrinho e dos padres, que nos têm dado muitos conselhos e orientações valiosas", disse.

A regra no lar de acolhimento obriga a colaboração de todos nas tarefas diárias. A irmandade impera. Fruto da experiência, os mais adultos ensinam os mais novos. António Franco afirma que tem a função de "chefe de cargo", cabendo a si a responsabilidade de cuidar dos mais novos e fiscalizar o cumprimento dos horários.

O projecto filantrópico liderado por missionários católicos também mudou a vida de Decliciano Fernandes, de 16 anos. O adolescente confessou que, inicialmente, teve dificuldades de adaptação. Acordar às 5 horas, sujeitar-se a tarefas diárias, frequentar a igreja e recolher a casa antes 19 horas e 30 minutos era algo que não estava acostumado.

Decliciano Fernandes chegou ao centro por iniciativa da própria progenitora. A urgência em pôr fim ao mau comportamento que exibia e dotá-lo de princípios religiosos ditou a escolha.

"Foi a minha mãe quem me trouxe aqui e, para mim, tem sido uma experiência nova e muito positiva. Viver em comunidade tem os seus constrangimentos e, por isso, no início, não foi fácil. Levou algum tempo, mas adaptei-me e garanto que, desde então, tenho tido uma convivência pacífica, com os meus irmãos", disse.

Decliciano Fernandes que, por influência de amigos, andava perdido no "mundo do álcool", aconselha os



ORIENTAÇÃO A adopção de princípios religiosos e a convivência pacífica é uma realidade entre as raparigas



**DECLICIANO FERNANDES
UMA EXPERIÊNCIA
NOVA E POSITIVA**

“Foi a minha mãe quem me trouxe aqui e, para mim, tem sido uma experiência nova e muito positiva. Viver em comunidade tem os seus constrangimentos e, por isso, no início, não foi fácil. Adaptei-me e garanto que, desde então, tenho tido uma convivência pacífica”.



**REGRA DE CONVIVÊNCIA
VALORES MORAIS**

O centro tem valores a defender e quer contribuir para a formação de homens e mulheres, para a criação de uma sociedade cada vez mais fraterna, privilegiando os valores éticos, morais, a consciência, honestidade e responsabilidade.



BANY GUEDES | EDIÇÕES NOVEMBRO

CONVÍVIO A regra no centro de acolhimento obriga a colaboração de todos nas actividades diárias

rapazes da sua faixa etária a se absterem de más acções e adoptarem uma postura positiva.

Mariana Filipa, por seu lado, faz parte do diminuto grupo de raparigas que, sob os cuidados da irmã Rufina Joaquina, reside no “São Martinho de Lima”. Há pouco mais de dois meses no centro, as dificuldades financeiras vivida pelos pais determinaram o seu rumo. O cumprimento obrigatório de regras de convivência e orientações que recebe da tutora têm estado a contribuir para o crescimento intelectual de Mariana Filipa. A estudante da 9ª classe carrega consigo um desejo: “Gostaria de ser técnica superior de enfermagem”.

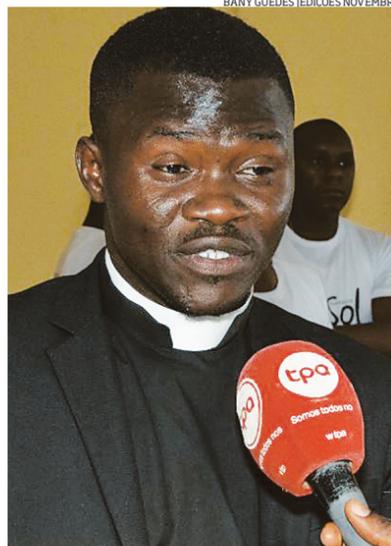
**ORIENTAÇÃO
E FORMAÇÃO ACADÉMICA**

O director geral do internato do centro de acolhimento, Padre Amaro Manuel, afirmou que o objecto social do “São Martinho de Lima” resume-se no apoio, orientação e formação académica aos jovens em situação de vida difícil.

“Temos vindo a desenvolver diversos projectos, conscientes de que queremos ser um parceiro estratégico do Estado”, disse. Amaro Manuel referiu que um homem formado contribui para a segurança de um país, razão pela qual a instituição congrega, actualmente, 90 jovens e adolescentes, dos quais 70 do sexo masculino. O pároco afirmou que o centro têm um valor a defender e quer contribuir para a formação do homem, visando a existência de uma sociedade cada vez mais fraterna e solidária.

“Queremos formar homens que privilegiam os valores éticos morais, consciência, honestidade e responsabilidade”, realçou.

Além de informar sobre a existência, no centro, de jovens abandonados pelos familiares e na condição de órfãos de pais vivos, alguns com maus vícios, Amaro Manuel admitiu que não tem sido fácil gerir a situação. A maioria dos jovens tinha uma condição de vida extremamente difícil, porém, explicou, através do rigor, disciplina e da formação, tem sido possível orientá-los para



BANY GUEDES | EDIÇÕES NOVEMBRO

DIRECTOR Padre Amaro Manuel

o caminho do bem e da concórdia.

“Temos, hoje, jovens aqui internados que frequentam o ensino superior. É de louvar a generosidade do senhor Martinho N’Gangula e da esposa, em acolher esses jovens numa residência, onde, embora com muito sacrifício, não tem faltado o essencial”, disse.

SONHO ANTIGO CONCRETIZADO

O mentor e patrono do centro de acolhimento, Martinho N’Gangula, desta-

cou que qualquer investimento deve ter como prioridade a educação e formação das pessoas. Sublinhou que o “São Martinho de Lima” é a concretização de um sonho antigo, fruto da sua própria experiência de vida.

“Só com pessoas educadas, formadas e orientadas é que vamos ter um país organizado, sem corrupção, com civismo e bons princípios morais e ético”, considerou.

Martinho N’Gangula recorda que ficou órfão na infância, mas teve a sorte de encontrar pessoas que o ajudaram a superar dificuldades inerentes à sua condição. Por isso, tem a obrigação moral de velar pelas pessoas que vivem sem o apoio ou a presença dos pais.

“Esta é a razão que me levou, juntamente com a minha esposa, a fundar o Centro de Acolhimento São Martinho de Lima. É um primeiro passo. O projecto deve avançar e queremos formar quadros capacitados, que saibam administrar nos vários sectores da vida”, disse.

Apesar de reconhecer que a sociedade nem sempre lida da melhor maneira com os mais carenciados, Martinho N’Gangula lançou um apelo às instituições e pessoas com possibilidades, para que lhes conceda mais oportunidades.

APOIO DA FUNDAÇÃO SOL

Desde o seu surgimento, os encargos financeiros do Centro de Acolhimento “São Martinho de Lima” têm sido, essencialmente, suportados por Martinho N’Gangula, mentor e patrono do centro. Mas, volta e meia, tem contado com o apoio de algumas instituições filantrópicas.

Recentemente, a Fundação Sol, encabeçada pela presidente do conselho de administração, Tânia Garcia, doou ao centro quantidades significativas de bens alimentares e outros bens como camas e televisores.

“Felicitemos a audácia dos promotores do centro e os incentivamos a manter viva a chama da fé, da partilha, da solidariedade e do amor ao próximo neste espaço. Quanto a nós, prometemos continuar o apoio”, disse Tânia Garcia.

A presidente da Fundação Sol disse também que “são iniciativas do género que nos animam na esperança de um amanhã melhor e, sempre que possível, vamos prestar o nosso apoio à causa”.

Tânia Garcia elogiou a iniciativa, declarando que a crise reduziu a capacidade de realizações solidárias da instituição e garantiu o seu firme compromisso com o bem-estar da sociedade.

“Peço aos jovens aqui residentes que sejam responsáveis; mantenham o espírito de companheirismo e inter-ajuda, estudem com afinco, sejam determinados e comprometidos como bem-fazer. Mas, acima de tudo, sejam bem sucedidos, para que possam transmitir o vosso testemunho de vida às outras gerações”, incentivou Tânia Garcia. **AC**



BANY GUEDES | EDIÇÕES NOVEMBRO

MENTOR Martinho N’Gangula explica que tem a obrigação moral de velar pelos desprotegidos

“Qualquer investimento deve ter como prioridade a educação e formação das pessoas. Só com pessoas educadas, formadas e orientadas é que vamos ter um país organizado, sem corrupção, com civismo e bons princípios morais e ético”

Evitar essas doenças é
bué fácil. **Basta deitar
o lixo no sítio correcto.**



MALÁRIA ✘

CÓLERA ✘

**FEBRE
TIFÓIDE** ✘



O lixo pode atrair insectos
e animais nocivos à saúde
da tua família.

Coloca o lixo em sacos e
deita no contentor.

Faça a sua parte.

**NOVA
AMBIENTAL**



TAXA DE LIMPEZA DE LUANDA

EMPRESAS E CONDOMÍNIOS:

- Transferência Bancária ou Internet Banking nos Bancos **KEVE, BFA, BAI, BNI E FINIBANCO**
- Depósito no BCI, Conta nº 3995701710001 (Apresentar comprovativo / GPL)

Telf: 947 423 911 e 996 577 545

PAULO MIRANDA Jr.

PAGUE JÁ A TAXA DE LIMPEZA E CONTRIBUA PARA A BELEZA DA NOSSA PROVÍNCIA



Linhas de Apoio do GPL

923166757
226426242
whatsapp
995237464



TANQUE NA VIA PONTO DE REFERÊNCIA DO CANHANGA

Um tanque no meio da via é hoje o ponto de referência do bairro. Na época colonial servia para dar de beber aos bois. Pois, ali estava o curral dos animais. Nos anos 80, depois da morte de velho Canhanganga, as terras foram cedidas à população, que as procurava para o cultivo.



CARLOS KIMEIA MUHONGO A ORIGEM DO NOME CANHANGA

O idoso conta que o lugar no tempo colonial pertencia ao senhor Quintas Irmão, que era o dono daquelas terras e tinha muitos animais. Que eram controlados pelo pastor Canhanganga, que, depois da Independência, ficou o dono destas terras. Dai nome do bairro.

DISTRITO DO BENFICA

EDIÇÕES NOVEMBRO



Canhanganga espera por todos os serviços

João Pedro

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

O silêncio e a tranquilidade são características do bairro do Canhanganga, Distrito Urbano do Benfica, Município de Belas. O cantar dos pássaros, e o barulho das folhas das árvores que se movem impelidos pelo vento convidam os moradores a se sentarem debaixo delas e apanhar ar fresco nos tempos livres. Os cajueiros que rodeiam o bairro, neste tempo chuvoso, começaram a dar frutos. Nem mesmo as dificuldades sociais existentes tiram a beleza ao lugar ou alteram a rotina daqueles que estão habituados a viver num pequeno e calmo bairro. Todos se conhecem e vivem em harmonia.

A vida no Canhanganga começa cedo. Os moradores que trabalham na cidade têm de madrugar para chegar ao local de serviço sem a fadiga do trânsito. O Canhanganga faz parte dos nove bairros que constituem a Zona Verde do Benfica. Mas, para se chegar até lá, é preciso apanhar um táxi na Via Expresso, próximo do Tribunal Provincial de Luanda, ou na praça, junto a um conhecido supermercado. São poucos os carros que fazem serviço de táxi, para o bairro do Ca-

nhanga o que origina a grande procura. A paragem está sempre cheia, principalmente, no fim da tarde.

Ajudam os "canhangangueses" alguns hiaces e "rabos de pato" em estado lastimável. Por isso, o povo os chama "acaba de me matar". Na paragem principal, é comum ouvir o seguinte refrão: "Canhanganga, Jacaré e Tanque 1". Em pouco tempo, qualquer carro que pára fica lotado.

Os motoristas põem o pé no acelerador e, na Via Expresso, no sentido Viana, logo depois de umas bombas de combustíveis da Sonangol, vira-se a direita para uma estrada de terra batida, onde está uma placa de sinalização a indicar o sentido "Ramiro". Daí, segue-se em frente, e em aproximadamente 30 minutos, dependendo da habilidade do motorista e o estados das vias, chegamos ao Canhanganga.

ESCURIDÃO

A problemática da energia eléctrica e da água é motivo para reclamações diárias dos moradores. A água de cisternas tem sido a solução, que custa muito cara. Em alguns casos chegamos a consumir água salobra.

Delfino Albino vive no bairro há dois anos e reclama da escuridão. No

período da noite, apenas os geradores trazem clareza. "Mas é muito dispendioso. Aqui, a escuridão tem sido uma oportunidade para os gatunos. São os únicos que beneficiam com esta situação que vivemos, ano após ano. Nada muda", desabafou.

Alfaiate de profissão, Delfino disse que termina a sua actividade diária muito cedo, por motivos de segurança. "Geralmente, recolho as coisas às 16 horas, para me dar tempo de chegar a casa, pois tenho de andar uma boa distância", explicou.

Há um tempo, os moradores ficaram satisfeitos com o início do processo de electrificação do bairro, através de uma empresa chinesa contratada pela ENDE. Naquela altura, os moradores ficaram bastante animados, ao verem pontes de energia a serem erguidos nas ruas do bairro. Porém, a operação estagnou.

Mesmo sem luz, os moradores do bairro do Canhanganga deviam sentir-se menos inseguros, depois de construção da esquadra da Polícia Nacional, que, entretanto, ainda não funciona. O caricato é que a referida unidade também foi assaltada. Foram-se as portas e as janelas. O professor Jorge Paulo apontou a ausência da Polícia

na zona como a razão para o elevado número de assaltos, acrescentando que a escuridão contribui e encoraja os actos de vandalismo e delinquência.

"Recentemente, um amigo foi assaltado e levaram todos os seus pertences. Os moradores ficam com medo de andar à noite. O capim alto, as árvores e as obras



JOVENS Abate de árvores tem sido o meio de sustento



**PRATO TÍPICO
A QUIZACA FAZ PARTE
DA DIETA DIÁRIA**

Diariamente, as camponesas vendem folhas de mandioca a outras mulheres, que depois revendem nos mercados, saindo daí a quizaca. A dieta no bairro varia, mas a quizaca é o prato típico afirma m os moradores que possuem pequenas hortas atrás de casa.



**INSEGURANÇA
ESQUADRA ASSALTADA**

Depois de construída uma esquadra da Polícia Nacional, a mesma foi assaltada, antes mesmo de começar a funcionar. Os marginais levaram consigo as portas e as janelas. A ausência da Polícia Nacional na zona é apontada como razão para o elevado índice de assaltos.

abandonadas servem de esconderijos para os delinquentes”, denunciou Jorge Paulo.

PRIVADOS PREENCHEM LACUNAS

O bairro do Canhangá cresce. As casas estão espalhadas pelo espaço. Algumas ficam distantes das outras e com muito terreno à volta. Ao redor das casas, há moradores a fazerem lavras de milho e mandioca.

Chamou-nos atenção o facto dos alunos “cortarem mato” entre as plantações e picadas para chegarem à escola. Um cenário idêntico ao das localidades do interior do país.

Na ronda pelas escolas do Canhangá, um bairro com muitas carências, encontramos alunos e professores dispostos a aprender e a ensinar. As escolas públicas ainda não chegaram ao local. As instituições privadas Joselena e Complexo Escolar Campos Maria preenchem a lacuna.

No primeiro, ouvimos crianças repetirem em uníssono o que o professor de Português ensinava. Demonstraram que estavam empenhadas em aprender, mas também em sair na foto com caras bonitas. Já o Complexo Escolar Campos Maria, que ensina deste o I ciclo até ao Pré-Universitário, é uma instituição com 20 salas de aulas, campos multiuso, laboratório e piscina para aulas de natação. Fazendo acção social na comunidade, este estabelecimento empregou, como professores, motoristas, vigilantes e empregados de limpeza, alguns moradores do bairro.

O director, Miguel Kiangala, disse que a iniciativa foi uma orientação da administradora local, no sentido de dar oportunidade à comunidade de melhorar o funcionamento da instituição com mão-de-obra local.

“Temos muitos benefícios com esta iniciativa. Os funcionários locais são sempre os mais pontuais e mostram boa disposição ao realizarem as suas funções”, esclareceu.

“Os moradores ficaram bastante animados, ao verem postes de energia a serem erguidos nas ruas do bairro. Porém, a operação estagnou. No período da noite, apenas os geradores trazem clareza. Aqui, a escuridão tem sido uma oportunidade para os gatunos. São os únicos que beneficiam com esta situação que vivemos, ano após ano”

Quando ao valor da propina escolar, Miguel Kiangala explicou que, por se encontrarem numa zona em que a população é humilde, realizam preços de acordo com as capacidades financeiras das pessoas. Da 1ª à 4ª classes, as propinas custam mil Kwanzas e da 10ª em diante, 4 mil Kwanzas.

VIVER DO CAMPO

A vida no Canhangá começa cedo. As idosas aproveitam o período da manhã para ir à lavra cultivar para alimentar a família. Os produtos cultivados são a mandioca e o milho. Elas também cuidam de cajueiro e de mangueiras. As camponesas, diariamente, vendem folhas de mandioca a outras mulheres, que depois revendem nos mercados, saindo daí a quizaca.

“A nossa dieta aqui é variável, mas a quizaca é o nosso prato típico”, disse Marta Manuel, que tem uma pequena lavra atrás de casa. Mas ela também é quitandeira no Benfica. Compra os produtos nos armazéns e revende-os numa praça mesmo no Benfica. Outra ajuda que dá à família.

Marta Manuel reclama, entretanto, dos preços que os taxistas cobram na rota para o Canhangá: são 300 Kwanzas a corrida.

ERA UMA VEZ...

À entrada para o bairro do Canhangá, chama a atenção um enorme tanque de água no meio da estrada principal. Intrigada, a nossa reportagem procurou saber junto dos moradores o motivo da sua construção exactamente naquele local. Indicaram-nos o mais velho Carlos Kimeia Muhongo. Encontramo-lo sentado no seu quintal, a tomar o pequeno-almoço. Recebeu-nos gentilmente, mas avisou que andava adoentado. Recentemente, operaram-lhe o olho esquerdo e está à espera de receber os óculos, para melhor ver. Afinal, a idade não perdoa.

Questionado sobre o tanque, Carlos Kimeia Muhongo, natural do Cuanza Sul, explicou-nos que está no mesmo lugar desde o tempo colonial. “Pertencia ao senhor Quintas Irmão, que era o dono destas terras e tinha muitos animais. Todos eram controlados pelo pastor Canhangá, que, depois da Independência, ficou o dono destas terras, porque os colonos foram-se embora. Daí o nome do bairro”, explicou.

“Na época, o tanque servia para dar de beber os bois. Ali estava o curral dos animais”, contou o mais velho. Nos anos 80, depois da morte de velho Canhangá, as terras foram cedidas à população, que as procurava para o cultivo. Apareciam pessoas do Rangel, Sambizanga, Pinda e Viana.

“Como as pessoas moravam em bairros distantes, tivemos a ideia de construir casas aqui próximo da estrada, para estarmos mais protegidos, ao invés de vivermos nas lavras. Assim nasceu o bairro do Canhangá”, contou o idoso.



DIRECTOR Miguel Kiangala garantiu que o colégio empregou apenas moradores do bairro Canhangá



ENSINO Na ausência de escolas públicas, os colégios têm sido a solução para milhares de crianças

PROGRESSO LENTO

Antes da existência das centralidades, a loucura era a compra de terrenos para realizar o sonho da casa própria. Esta pretensão levou muitos cidadãos a adquirir terras sem se importar com as distâncias. Os loteamentos de lavras em muitas zonas levaram ao crescimento de muitos bairros, entre eles do Canhangá. Com o surgimento das centralidades e com a crise financeira, as construções no bairro registra-

ram um travão. Muitas obras estão abandonadas e cobertas de capim.

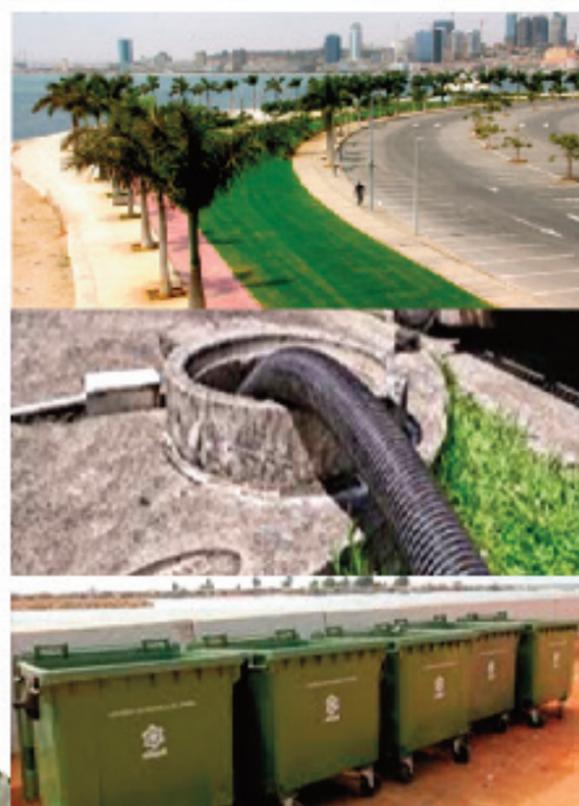
A construção de um edifício para a TV Palanca e uma rádio voltou a animar a população do Canhangá. Advinha-se o crescimento da localidade.

A falta de uma unidade sanitária traz algumas dificuldades aos moradores,

que recorrem a clínicas privadas à procura dos primeiros socorros, principalmente, no período da noite. Em casos mais graves, procuram solução no hospital do Benfica. Com mais de 11 colégios privados, o bairro do Canhangá não tem qualquer instituição de ensino público e os municípios reclamam.



elisal



- ✔ SERVIÇOS DE DESOBSTRUÇÃO DE SARJETAS
- ✔ ALUGUER DE BALNEÁRIOS E CONTENTORES
- ✔ SERVIÇOS DE SANEAMENTO
- ✔ RECOLHA DIRIGIDA
- ✔ LIMPEZA DIRIGIDA
- ✔ ATERRO SANITÁRIO DOS MULENVOS
- ✔ SERVIÇOS DE JARDINAGEM

**NÃO DEITE
LIXO NAS
SARJETAS**

A Elisal - Empresa de Limpeza e Saneamento de Luanda, tem como objectivo social a prestação de serviço público de limpeza e gestão de resíduos sólidos da província de Luanda, visão de assegurar a saúde pública e a protecção do meio ambiente.

Ambiciona liderar a transformação do paradigma de gestão de resíduos na província de Luanda implementando infra-estrutura de procedimentos de excelência na limpeza, recolha, tratamento, valorização e deposição final de resíduos que contribuem para a melhoria significativa dos municípios.



ELISAL, PARA UMA VIDA MAIS SAUDÁVEL

Bairro Vila Flor - Zona 19-S3, Quarteirão 7 (Filda)
 Caixa Postal 378 Luanda - Angola
 Tel.: 222 00 34 64 - 940 95 16 95
 E-mail: atendimento.cliente@elisal.co.ao
www.elisal.co.ao



BLOCO OPERATÓRIO SEM DOENTES EM ESPERA

Os 42 pacientes que se encontravam em lista de espera, há um ano, foram todos operados e recebem acompanhamento médico. De acordo com a direcção do Hospital do Prenda são realizadas, por dia, aproximadamente 14 cirurgias.



LIXO HOSPITALAR FALTA INCINERADORA PARA A QUEIMA

A ausência de uma incineradora para a queima do lixo hospitalar cria transtornos para a unidade. Infelizmente a que foi instalada por altura da reabilitação do hospital, há 15 anos, nunca funcionou.

Informações

HOSPITAL ESCOLA ESTUDANTES DE MEDICINA APRIMORAM CONHECIMENTOS

A funcionar desde 1974, o Hospital do Prenda presta atendimento médico e cirúrgico, de média e alta complexidade, por meio de equipas qualificadas. Também desenvolve programas de pesquisas e ensino, nas especialidades de Neurologia, Ortopedia, Cirurgia Geral, Oftalmologia, Medicina Interna e Fisioterapia. "Temos aqui estudantes de medicina de algumas universidades em formação. São jovens que todos os dias aprofundam o seu saber teórico com a prática, através de acompanhamento dos professores", disse. O edifício do hospital conta com quatro andares e tem capacidade para 132 doentes acamados. Os 558 trabalhadores, entre médicos, enfermeiros, técnicos de laboratório, atendem por dia mais de 300 doentes, provenientes de todo o país. Sinistrados, pessoas com AVC, doenças infecciosas (malária, tuberculose, HIV/Sida), cirrose hepática, diabetes, hipertensão arterial e hepatites constituem os casos mais atendidos. O Hospital do Prenda é uma das primeiras unidades do país a realizar cirurgias plásticas reconstrutivas.



ÁGUA Reservatório de 240 metros cúbicos é insuficiente para o edifício de quatro andares, três dos quais ocupados para o serviço de internamento

O desafio de curar pacientes a meio a dificuldades

O Hospital do Prenda presta atendimento médico e cirúrgico, de média e alta complexidade

Cristina da Silva

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Pacientes do Hospital do Prenda, no Distrito Urbano da Maianga, reclamam da falta de água nas torneiras. Os doentes internados relatam que, para tomar banho, têm de utilizar bidões de água, trazidos por familiares e algumas vezes distribuídos por funcionários da limpeza.

A falta de água corrente nas torneiras, polibans e sanitas tem afectado a higiene pessoal dos internados, que dizem-se abandonados à sua sorte.

Margarida Ventura está internada há dois meses no Hospital do Prenda e aguarda por uma cirurgia, que até ao momento não acontece por razões desconhecidas. A senhora, de 45 anos, deu entrada no dia 29 de Janeiro, com o fémur da perna esquerda fracturada, em consequência de uma queda. Antes do incidente, a senhora, mãe de quatro filhos, teve o esposo também internado no Hospital do Prenda. Acabou por falecer três meses depois.

Segundos os doentes, a situação já se arrasta há alguns meses e, até ao momento, ninguém faz nada para alterá-la. "É uma si-

tuação triste para nós, que estamos acamados com deficiência", lamentou outro paciente, que tem a perna no gesso e aguarda também por cirurgia.

Muitas mulheres, por exemplo, são obrigadas a utilizar toalhas, para cuidar da higiene. "Temos enfermeiras que ajudam na higiene de algumas mulheres. Mas eu, em particular, trato de mim na cama", contou a interna.

A nossa reportagem encontrou, em quartos, reservas de água em recipientes de cinco e um litro e meio. "Mesmo para preservar a nossa saúde, era preciso que a nossa higiene fosse feita com água corrente e não

com água de bidões", disse Rogério Vitorino, nome fictício.

Margarida Ventura contou que a primeira operação não foi, aparentemente, realizada, por falta de sangue. Na altura, já se encontrava no bloco, quando foi informada sobre a necessidade deste tecido líquido. "Os meus familiares deram o sangue e ainda assim não fui operada. Semanas depois, fui informada de que não seria tão cedo, mas ainda assim não tenho uma data exacta", contou a mulher visivelmente revoltada.

Passados dois meses, Margarida Ventura sente-se abandonada pela equipa médica. "Pelo tempo que estou aqui, era necessário que me dessem um esclarecimento sobre o meu estado de saúde", reclama.





**JOÃO MIRANDA
CADEIRAS DE RODAS**

"Neste momento, não temos carros para transportar os medicamentos a partir da Angoméfrica. Há quatro anos que não recebemos cadeiras de rodas. Temos apenas duas cadeiras, no banco de urgência e, uma em cada piso, para um universo de 132 internados".



**VENTILAÇÃO
INTENSO CALOR
INCOMODA DOENTES**

O intenso calor que se faz sentir no Hospital do Prenda, principalmente, nos quartos de internamento, é resultado de uma avaria técnica registada no sistema centralizado de ar condicionado, há vários anos.

QUARTOS QUENTES

Além da falta de água, em algumas casas de banho, uma outra situação que preocupa pacientes e familiares tem a ver com os ventiladores dos quartos, cuja falta torna o espaço totalmente desconfortável. Homens e mulheres internados são obrigados a permanecer de tronco nu, para poder suportar a alta temperatura, que em nada contribui para a melhoria dos doentes.

Nos quartos que, normalmente, acomodam até quatro pacientes, notamos a instalação de dois ventiladores em cada um. Em alguns quartos os ventiladores funcionam, noutros apenas um dá o "ar" da sua graça. Mas há aqueles em que nenhum funciona.

Rita Pereira divide o espaço com mais três mulheres. Todas elas estão sob observação médica, para, posteriormente, serem submetidas a uma cirurgia. Desde que se instalou no hospital, há um mês, não teve um dia em que conseguiu vestir-se por completo.

"Não temos alternativa. Estamos internados para superar as deficiências que nos condiciona, mas o que encontramos não é favorável à nossa recuperação imediata", lamenta a mulher, que também toma banho com recurso à água de bidões.

Nossa equipa de reportagem andou pelos corredores do hospital, principalmente nas salas de internamento, e constatou o quanto aquecido estavam, não nos permitindo sequer ficar mais de dez minutos no local.

Janelas e portas são mantidas abertas, para ajudar no refrescamento do espaço. A mesma situação sente-se no Banco de Urgência, Sala de Espera e consultórios médicos. Em quase todos os compartimentos por onde passámos, encontramos ar-condicionados (split) e ventiladores desligados.

O primeiro andar do hospital, por exemplo, acomoda doentes de Ortopedia, Urologia, Maxilofacial. Aqui, o calor sente-se logo à entrada. Num

dos corredores, encontramos Cláudia Pedro. A jovem faz recurso a um papel branco, com o qual se abana para aliviar-se do calor.

Na tarde do dia 29 de Março, Cláudia Pedro visitava à mãe, com problemas de glicemia alta e pé diabético, por causa de Diabetes mal controlada.

"Não é possível. É muito calor!". Reclama a jovem, para quem todo o sol que se faz sentir em Luanda nos últimos tempos está concentrado dentro do Hospital do Prenda. Enquanto Cláudia reclama da quentura nos quartos dos doentes, em particular de sua mãe, um outro familiar queixa-se da falta de água até nas casas de banho, para responder a necessidade dos próprios doentes. "Não sabemos como eles fazem para casos de necessidades maior", alertou.

Em muitos compartimentos em que circulamos notamos também baratas que nem se inibiam com a nossa presença. "As nossas bancas

estão cheias de baratas. Muitas vezes elas vão parar a cama", disse um doente internado há mais de dois meses, com fractura nos dois membros inferiores, em consequência de acidente de viação.

SERVIÇOS GERAIS

O Hospital do Prenda conta com um reservatório de 240 metros cúbicos de água, para o fornecimento ao edifício de quatro andares, três dos quais para o serviço de internamento.

O primeiro andar assiste as áreas de Ortopedia, Urologia e Maxilofacial. No segundo piso, estão o Bloco Operatório, Serviços de Cirurgia, e os Cuidados Intensivos (UTI). Já no terceiro, conta-se a Medicina Interna, Cardiologia, Neurologia e no último os Serviços Administrativo.

Segundo o chefe dos Serviços Gerais do Hospital, João Miranda, o reservatório depende directamente da Epal (Empresa de Água de Luanda) e, em caso de falha no for-

necimento, o sistema fica comprometido. A água é distribuída obedecendo a uma escala que funciona das 00 horas às 15h30. Depois disso, como forma de poupá-la, a bomba fecha automaticamente.

"Esta foi a solução encontrada pelo hospital para não faltar água no reservatório e nas torneiras por algumas horas", disse João Miranda. Acrescentou que o consumo do hospital é maior que a capacidade instalada, obrigando muitas vezes o recurso à cisterna.

O excessivo calor que se faz sentir no hospital e, principalmente, nos quartos de internamento, segundo o responsável, é fruto de uma avaria técnica no sistema centralizado de ar condicionado. "Quando o hospital foi reabilitado, em 2003/04, o técnico colocou um sistema de ar centralizado. Com o tempo e, mesmo com a manutenção que se foi fazendo, ao longo de 15 anos, os aparelhos reclamam por substituição. Uma situação que se estende às instalações do hospital", esclareceu. **CS**

AGOSTINHO NARCISO | EDIÇÕES NOVEMBRO



HIGIENE Para tomar banho os doentes internados têm de utilizar bidões de água trazidos por familiares e, algumas vezes, distribuídos por funcionários de limpeza da unidade hospitalar



BANCO DE URGÊNCIA TRIAGEM DE DOENTES

A "Triagem de Manchester" é feita por dois técnicos superior de enfermagem, que logo, à partida, filtra os doentes graves dos menos graves, e faz o seu encaminhamento à especialidade ou às consultas externas, das quais muitos fogem.



TOMÁS CASSINDA SERVIÇOS PRIMÁRIOS DE SAÚDE

"Os bairros possuem postos e centros médicos, mas as pessoas não vão para lá, o que contribui para o congestionamento nas urgências dos hospitais de referência da província, implicando no melhor atendimento médico para casos urgentes".



VIGAS DA PURIFICAÇÃO | EDIÇÕES NOVEMBRO

FALTAM INVESTIMENTOS

O chefe dos Serviços Gerais do Hospital do Prenda, João Miranda, apontou como solução provisória à substituição ou reparação do sistema de ar condicionado, bem como a reposição dos ventiladores nos quartos.

"Estamos a falar de uma área que carece de investimento. O que recebemos serve apenas para cobrir as despesas em termos de bens e serviços" disse. Acrescentou que, entre tantas necessidades, o hospital sente ainda a falta de elevadores para doentes, cadeiras de rodas e uma carrinha de carga para expediente.

"Neste momento, não temos carros para recepcionar os medicamentos a partir da Angomedica. Há quatro anos que não recebemos cadeiras de rodas. Temos apenas duas cadeiras no banco de urgência e uma em cada piso, para um universo de 132 internados, divididos entre Medicina, Cirurgia e Ortopedia.

Outra preocupação tem a ver com a falta de incineradora para queima do resíduo hospitalar. Neste momento, o lixo do hospital é recolhido por uma instituição privada.

"Quando o hospital foi reabilitado, há 15 anos, o projecto também contemplava uma incineradora, que foi montada, mas nunca funcionou", disse João Miranda, sem, contudo, avançar os custos do serviço de recolha de lixo no hospital.

"Neste momento, o hospital precisa de reabilitação", acrescentou.

SIMULAÇÃO

O fluxo de pessoas no Banco de Urgência é uma realidade. São pessoas vindas de todos os cantos de Luanda, com os mais variados casos. Ferimentos por arma branca e de fogo, atropelamentos, mal-estar por ingestão excessiva de álcool, paludismo, diabetes e não só dão entrada minuto a minuto, nesta unidade hospitalar.

Apesar do fluxo de doentes, que vai até 300 pacientes dia, 70 por cento destes não constam entre os casos graves. Durante a nossa permanência, notámos alguns pacientes a



VIGAS DA PURIFICAÇÃO | EDIÇÕES NOVEMBRO

DIRECTOR Casos de hipoglicemia registam aumento

simular dor e até choros. Uma jovem chegou a pedir a mãe que se deitasse ao chão para que fosse logo atendida.

Habitados a esse tipo de simulações, os técnicos insurgiam-se contra os pacientes que, por força desta intervenção, voltavam ao normal: os desmaios e choros davam lugar a risadas, enquanto aguardavam pela sua vez de atendimento.

"São situações comuns, aqui no Banco de Urgência", disse o enfermeiro, que não quis ser identificado.

TRIAGEM DE MANCHESTER

Para reduzir o fluxo no Banco de Urgência, bem como permitir o atendimento de maior número de doentes, o hospital está a realizar triagens, com vista ao encaminhamento de doentes graves.

A triagem, que acontece logo à entrada do Banco de Urgência, é feita por dois técnicos superior de enfermagem, que logo, à partida, filtra os doentes graves dos menos graves, e faz o seu encaminhamento para as áreas de especialidade ou às consultas externas, das quais muitos fogem. O hospital conta ainda com um Gabinete do Utente, que auxilia as famílias com informações pertinentes relativamente ao internado.

Segundo o director do hospital, Tomás Cassinda, a "Triagem de Manchester" permite também que, independentemente do caso, todos sejam atendidos e, posteriormente, encaminhados aos vários serviços que o hospital oferece, inclusive as consultas externas.

"Infelizmente, as pessoas não estão habituadas a esperar e outras ainda preferem que as coisas se agravem para procurar o médico. Fogem das consultas externas e vêm para as urgências, mesmo sem necessidade", alertou.

O especialista em medicina interna, que dirige o hospital há três meses, chama a atenção para uma maior coordenação entre os vários serviços distribuídos a nível de Luanda. "Os bairros possuem postos e centros médicos, mas as pessoas não vão para lá, o que contribui para o congestionamento nas urgências dos hospitais de referência da província, com implicações no atendimento médico para os casos urgentes", explicou.

Tomás Cassinda disse que, dos casos que chegam as urgências, 70 por cento são pacientes com Malária, e 25 com complicações de Diabetes. O restante varia entre traumatismos por acidentes de viação, ferimentos com armas de fogo e branca, bem como por agressões físicas.

O médico está também preocupado com os casos de hipoglicemia que dão entrada no hospital, muitas vezes com os pacientes em estado de coma, numa média de 15 a 20 doentes dia. A situação ocorre quando o nível de glicose no sangue está abaixo da média considerada normal (60mg/dl), o que acontece, muitas vezes com diabéticos.

Tomás Cassinda disse que a hipoglicemia apresenta três tipos: leve, moderada e grave, até atingir o coma glicémico, caso não seja tratado a tempo. "As mesmas são tratáveis. Por, isso é importante que o paciente com diabetes tenha uma vida regrada, com exercícios e uma alimentação equilibrada", recomendou.

Relativamente ao número de óbitos, disse que são raros, excepto aqueles que dão entrada já em estado terminal.

ROTA AMBIENTAL AMIGA DE CACUACO E DO SEU BEM-ESTAR.



AJUDE O TRABALHO DA ROTA, FACILITE O ACESSO DO CAMIÃO
E DA EQUIPA DE COLECTA. TODOS SÓ TÊM A GANHAR.

LUGAR DE LIXO É NO CONTENTOR. FAÇA SUA PARTE!

ROTA
Ambiental



BETINHO MARTINS O DESEJO DE MERGULHAR

“Entro na água, porque é uma das formas que encontrei para refrescar o corpo. O convívio com a praia é antigo e o lixo fica mais à beira-mar e não propriamente na água. Por outro lado, o meu irmão é pescador e sempre que posso ajudo-o com a canoa, quando ele tem de entrar no mar”.



NELITO COBOIO AJUDANTE DE PESCADOR

“É necessário que se desenvolva uma ampla campanha de sensibilização sobre as vantagens do meio ambiente sadio, para evitar que a população continue a deitar os dejectos em locais públicos. Por mais que se limpe, ou haja empenho na recolha, tudo poderá parecer pouco, se as pessoas não estiverem educadas e organizadas”.

Manuela Mateus

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Há duas semanas a “Praia Mundial”, localizada no bairro dos Pescadores, no município de Cacuo, apresentava uma imagem imunda. As zonas banhar e pesqueira tinham sido invadidas por uma quantidade excessiva de lixo.

Famosa por atrair, para lazer, os munícipes de Cacuo e de outras paragens de Luanda, em maior número ao final de semana, a “Praia Mundial” convive há vários anos com as enchentes das águas da chuva, provenientes dos bairros próximos.

José Muhongo, de 36 anos, que há anos frequenta o local, conta que as últimas enxurradas que se abateram sobre Luanda provocaram constrangimentos à imagem da praia. “A força das águas provenientes dos bairros, arrastaram consigo toda a espécie de lixo para a praia. Para agravar, o comportamento dos banhistas e das peixeiras contribuiu para sujá-la ainda mais”, acusou.

O jovem munícipe lembrou que os primeiros meses do ano foram difíceis para os defensores do meio ambiente, tendo sublinhado que a convivência entre banhistas e pescadores é partilhada com o lixo.

“A praia estava transformada numa autêntica lixeira a céu aberto, como consequência dos resíduos arrastados pelas enchentes e também por culpa de algumas pessoas, que habitualmente a frequentam. Tínhamos de quase tudo aqui, desde latas e garrafas vazias, pratos descartáveis e restos de peixe”, afirmou.

Apesar de carecer de melhorias, a reportagem do *Luanda, Jornal Metropolitano* constatou que a “Praia Mundial” apresenta, agora, uma imagem mais arejada. A preocupação manifestada pelos ambientalistas foi acatada pela direcção da empresa de limpeza “Rota Viva”, que, de imediato, fez as necessárias diligências.

Oswaldo da Silva, por sua vez, referiu que foram necessárias duas semanas para que a operadora de limpeza retirasse o amontoado de lixo concentrado à beira-mar. O recurso a máquinas pesadas, sustentou o munícipe, foi fundamental, embora hajam ainda restos de resíduos sólidos ao longo da costa marítima.

Oswaldo da Silva admite que muito há por fazer na praia e no mercado adjacente, porquanto deve existir colaboração de todos, sobretudo dos banhistas e das peixeiras.

CAMPANHA DE SENSIBILIZAÇÃO

Maria Helena, peixeira há 10 anos, tem por hábito chegar cedo à praia. Ela conta que, à semelhança das colegas, ficou assustada com a imagem e o cheiro desagradável que há



duas semanas tinha como epicentro o amontoado do lixo próximo à água.

A peixeira recorda que, devido ao lixo à volta do espaço, não havia condições para escamar o peixe, uma vez que boa parte da areia estava coberta de dejectos provenientes do mar.

“Deixámos de colocar lixo aqui e este amontoado surgiu em consequência das chuvas. E, como o mar devolve tudo, o resultado foi assustador”, disse.

Maria Helena garante que prima pela higiene e, para prová-lo, confirmou que, sempre que escama o peixe faz-se acompanhar de um saco de plástico, para depositar o que não vai precisar.

“No final do meu dia de trabalho, tenho tido o cuidado de recolher o lixo e depositar no contentor”, disse Maria Helena.

Posição contrária tem o ajudante de pescador Nelito Coboio. Acusa que muitas vezes

são as próprias peixeiras quem espalham o lixo junto ao mar.

“Depois de comprarem o peixe, muitas são as peixeiras que escamam-no junto à praia e, outras, inclusive, lavam dentro da água. Tem vezes que a própria água acaba por ficar com uma cor acastanhada, mas ainda assim as nossas crianças tomam banho nela, por estarem acostumadas”, afirmou.

Nelito Coboio sugeriu ser necessário que se desenvolva uma ampla campanha de sensibilização sobre as vantagens do meio ambiente sadio, para evitar que a população continue a deitar os dejectos em locais públicos.

“Por mais que se limpe a praia, ou haja empenho na recolha, tudo poderá parecer pouco, se as pessoas não estiverem educadas e organizadas para mantê-la limpa”, disse.

O pescador elogia a limpeza feita e pede que sejam colocados mais contentores. Os poucos que

foram assentados estão distantes da praia, o que provavelmente, admitiu Nelito Coboio, seja um dos motivos que leva algumas peixeiras a não colaborarem para higiene da praia.

RISCO DE DOENÇAS

A cor acastanhada que a água da praia apresenta não impede os banhistas de dar um mergulho. Aos finais de semana, propriamente nos dias de sol abrasador, crianças e adolescentes não hesitam em tomar banho. Os mergulhos, em grande estilo, constituem uma marca entre os adolescentes. Apesar de em menor número, durante a semana.

“Senhora jornalista, estamos acostumados a banhar neste local; é um hábito antigo”, disse Simão Muinga, de 14 anos, quando questionado se não têm receio da poluição ambiental e outros males visíveis na praia.

Alheio aos riscos de contrair uma doença, Betinho Martins, 15 anos, assume que não

se faz rogado sempre que a necessidade o obriga. “Entro na água, porque é uma das formas que encontrei para refrescar o corpo. O convívio com a praia é antigo e o lixo fica mais à beira-mar e não propriamente na água”, disse.

O adolescente é oriundo de uma família de pescadores e, por conta disso, vê-se obrigado a chegar às primeiras horas da manhã à “Praia Mundial”. “O meu irmão é pescador e sempre que posso ajudo-o com a canoa, quando ele tem de entrar no mar”, frisou.

O desejo de mergulhar na “Praia Mundial” não se restringe apenas aos adolescentes e crianças. Embora em número menor, as peixeiras também o fazem. Tem sido assim, sobretudo, depois das vendas.

Curiosamente, um pequeno grupo de peixeiras, aparentemente na casa dos 50 anos, depois de cumprir a jornada laboral, aproveitou o dia para mergulhar nas águas do mar.

CACUACO

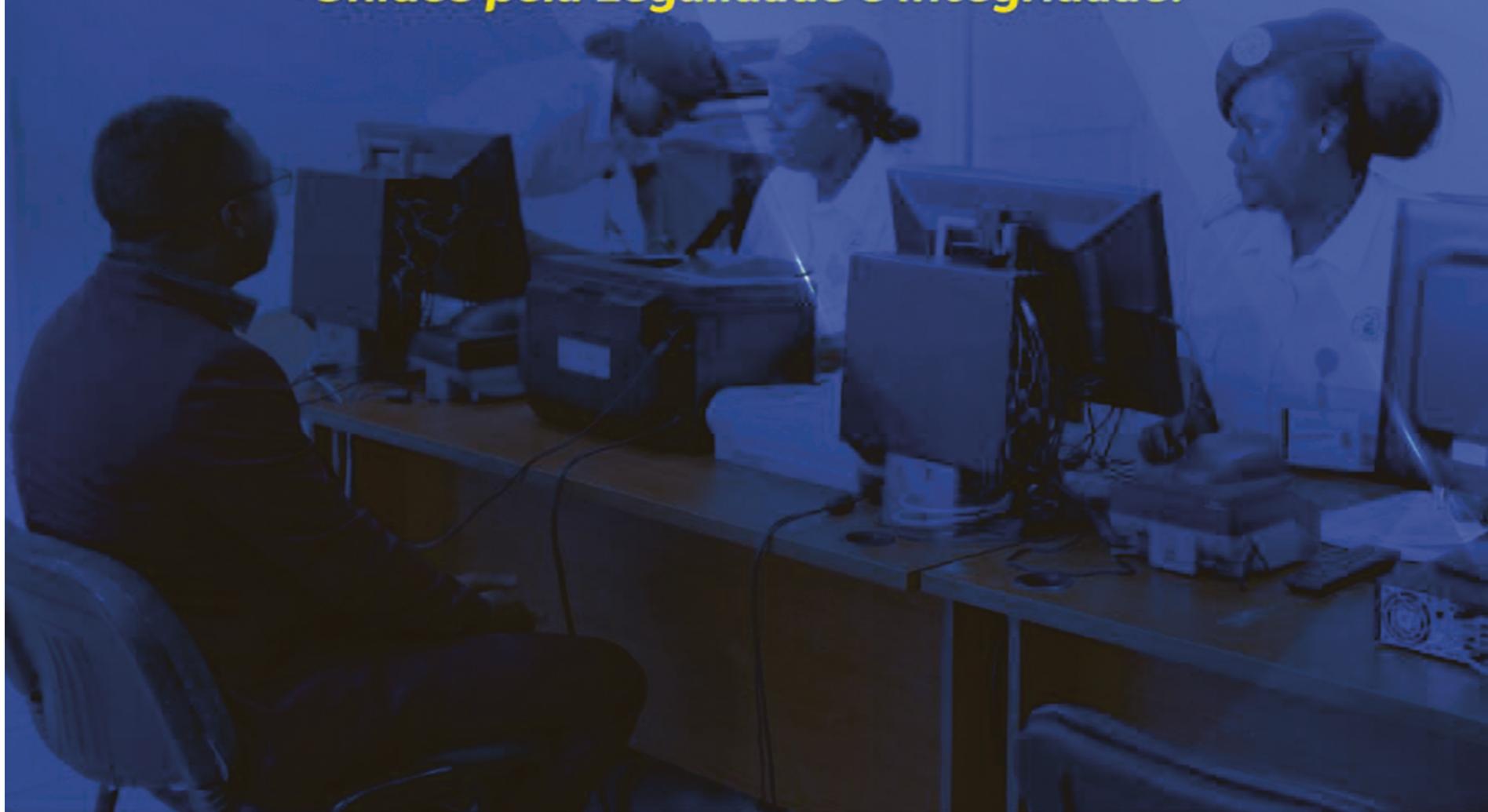
AGOSTINHO NARCISO | EDIÇÕES NOVEMBRO

SME

SERVIÇO DE MIGRAÇÃO E ESTRANGEIROS

42 Anos a apostar
na flexibilidade e na excelência!

Unidos pela Legalidade e Integridade!



TESTE

Desafio

1 - As comunas são o terceiro-nível de unidades administrativas depois dos municípios. **Quiçama** é uma das comunas. A que província pertence?

- A- Benguela
- B- Cunene
- C- Malanje
- D- Luanda
- E- Uíje

2 - As palavras propostas não estão acentuadas. Faça a acentuação e só depois consulte os resultados. Boa sorte.

- A- Baia;
- B- Transito;
- C- Caotico;
- D- Província.

3 - Viana é um município da Província de Luanda, situado a 18 km da capital do país. Tem 1 344 km² e cerca de 68 mil habitantes. É limitado a Norte pelo município do Cacucaco, a Este pelo município de Ícolo e Bengo e a Sul pelo município da Quiçama. O município foi fundado a 13 de Dezembro de que ano?

- A- 1840
- B- 2017
- C- 1670
- D- 1963
- E- 1985
- F- 1999

RESPOSTAS

- Verticais**
- 1- ENIR, 2- DAR, 3- UNAP, 4- AO, 5- DONA, 6- OBESO, 7- LA, 8- CIO, 9- RABAT, 10- AMORA, 13- RUMI, 12- OBRA, 14- IAN, 15- IRA, 16- PNEU, 17- BOBO, 18- PARASITA, 21- AR, 23- CI, 24- OMELETA, 26- MIRIM, 28- MAS, 29- AZEDO, 30- TEM, 33- REDE, 34- VALA, 35- CRUZA, 37- ASPIRAR, 40- BALEIA, 42- BI, 43- AI, 45- CANINO, 46- BOA, 47- IDADE, 49- IRIAR, 51- BIENAL, 52- LAVRAR.
- Horizontais**
- 1- EDUARDO, 7- LUCRA, 11- MANO, 12- OBRA, 14- IAN, 15- IRA, 16- PNEU, 17- BOBO, 18- PARASITA, 21- AR, 23- CI, 24- OMELETA, 26- MIRIM, 28- MAS, 29- AZEDO, 30- TEM, 33- REDE, 34- VALA, 35- CRUZA, 37- ASPIRAR, 40- BALEIA, 42- BI, 43- AI, 45- CANINO, 46- BOA, 47- IDADE, 49- IRIAR, 51- BIENAL, 52- LAVRAR.
- Palavras Cruzadas**
- 1 - D - Luanda
2 - A - Baia; B - Transito; C - Caotico; D - Província.

Cartoon

Armando Pululo



Curiosidades



Estação do Bungo

São muitos os passageiros que por dia aparecem naquela que é a mais antiga estação dos Caminhos-de-Ferro de Luanda, o Bungo. O comboio rasga as entranhas da terra quando o sinal sonoro marca a partida. É uma história que começou há 127 anos.

A estação aparece em 1888 com o momento da inauguração do primeiro troço de linha do então Caminho-de-Ferro do Ambaça, hoje conhecida como Caminhos-de-Ferro de Luanda (CFL). Por cá, são inúmeros os passageiros que, todos os dias, entram e saem dos comboios à medida que vão chegando e partindo.

O Bungo é designado como a estação principal dos CFL e daqui faz-se a ligação

com províncias como Cuanza Norte e Malanje, não esquecendo o Dondo.

Estamos a falar de cerca de 480 km de linha com um total de 27 estações. Tudo foi mudando com o passar dos anos, o mesmo foi acontecendo com os Caminhos-de-Ferro. "Apesar das transformações que foram ocorrendo durante os anos, a Estação do Bungo, do ponto de vista da sua estrutura arquitetónica, foi preservada, apenas com ligeiras alterações no seu interior, e está classificada como Património Histórico-Cultural Nacional".

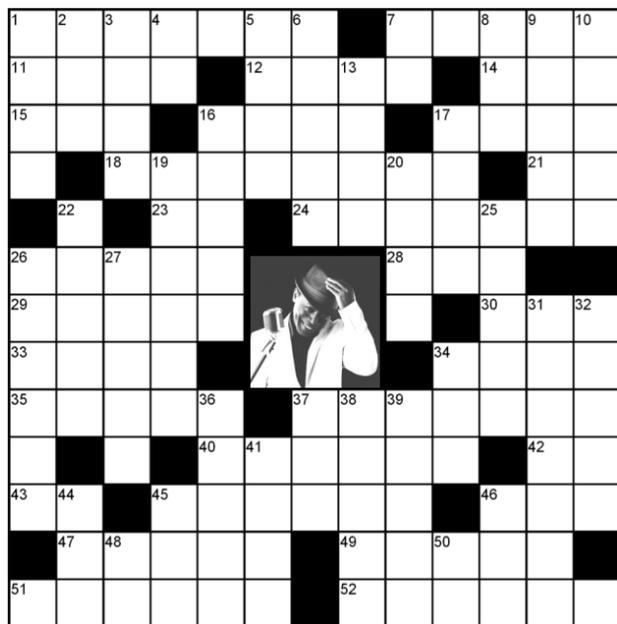
Todos os comboios disponibilizam três tipos de serviços, 1.ª, 2.ª e 3.ª classes, permitindo assim o transporte dife-

renciado de pessoas: "desde funcionários, estudantes, trabalhadores laborais até às nossas mamãs que, diariamente, fazem o seu comércio comprando os produtos num local e vendendo noutra, utilizando para isso o comboio".

O comboio tornou-se um meio de transporte que, de forma segura e com conforto, permite evitar o trânsito caótico da cidade de Luanda, sobretudo para aqueles que vivem nos arredores da cidade e trabalham no centro.

Os Caminhos-de-Ferro de Luanda têm sido reestruturados, e que, pelo seu carácter histórico, mereceu uma atenção especial no processo de reconstrução onde preservaram os seus traços originais.

Palavras Cruzadas



Horizontais

- 1 - (...) Palm, músico angolano da foto. 7- Ganha. 11- Irmão. 12- Trabalho literário, científico ou artístico. 14- Caminhavam para lá. 15- Raiva. 16- Aro de borracha que reveste as rodas de certos veículos. 17- Tolo. 18- Organismo que vive à custa de outro (o hospedeiro). 21- Atmosfera. 23- O número 101 em numeração romana. 24- Porção de ovos muito batidos que se fritam, enrolando-os em forma de travessero. 26- Pequeninno. 28- Senão. 29- Que tem o sabor do limão ou do vinagre. 30- Possui. 33- Tecido de arame. 34- Escavação para esgoto ou canalização de águas. 35- Atravessa. 37- Ter pretensão (figurado). 40- Mamífero da ordem dos cetáceos. 42- Prefixo (duas vezes). 43- Suspiro. 45- Relativo a cão. 46- Benéfica. 47- Anos de vida. 49- Matizar. 51- Que se realiza de dois em dois anos. 52- Arar.a.

Verticais

- 1- Governador árabe. 2- Oferecer. 3- União Nacional dos Artistas Plásticos. 4- Angola (domínio de Internet). 5- Senhora de alguma coisa. 6- Muito gordo. 7- Los Angeles (abreviatura). 8- Apetite sexual dos animais, nas épocas próprias da reprodução. 9- Capital de Marrocos. 10- Fruto vermelho silvestre. 13- Nocivo. 16- Número natural, não inferior a 2, que só tem dois divisores: a unidade e o próprio número. 17- Estar (...), estar bom. 19- Quantidade de ácido existente numa ou várias substâncias misturadas. 20- Tem medo de. 22- Exprimir por palavras. 25- Ser presente. 26- Tipo de corrida que obriga os atletas a ter um dos pés sempre em contacto com o solo. 27- Torna menor. 31- Prepara gradualmente. 32- Mãe de Jesus. 34- Caminho. 36- Grande quantidade (figurado). 37- Naquele lugar. 38- Decrépito. 39- Muda para pior. 41- Pequena argola com que se enfeitam os dedos. 44- O número três em numeração romana. 45- Campeonato Africano das Nações. 46- Botequim. 48- Preposição que designa posse. 50- O número quatro em numeração romana.

Cinema

ZAP Cinemas

Semana:

- Título: **Batalha do Pacífico: A revolta (IMAX)**
 - Género: **Acção**
 - Sessões: 13h10/16h00/18h30/21h30/00h20*
- *(sextas, sáb e vesp. de feriado)



- Título: **Replica Violenta**
 - Género: **Acção**
 - Sessões: 12h40/15h00/17h00/19h00/21h00/23h20*
- *(sexta, sábado e vesp. de feriado)



CINEMAX /Kilamba

- Semana: **13 a 19 de Abril**
- Título: **Rampage**
- Género: **Aventura, Acção**
- Sessões: 13h20/15h40/18h00/20h20/22h40*

- Título: **Réplica Violenta**
- Género: **Acção** (sala 1)
- Sessões: 13h10/15h10/17h10/19h10/21h10/23h10*

- Título: **Braven** (sala 2)
- Género: **acção**
- Sessões: 13h20/15h30/17h40/19h50/22h10*

- Título: **A Batalha do Pacífico "A Revolta 3D"** (sala 3)
- Género: **Aventura**
- Sessões: 13h30/16h00/18h30/21h00/23h30* (excepto 17 de Abril)

- Título: **Peter Rabbit VP** (sala 4)
- Género: **Comédia**
- Sessões: 14h00/16h10/18h20

- Título: **Tomb Raider 3D**
- Género: **Acção** (sala 4)
- Sessões: 20h30/23h00*

- Título: **Pantera Negra 3D**
- Género: **Acção/Aventura** (sala 5)
- Sessão: 13h00/15h50/18h40/21h30*

*Apenas dias 13 e 14 de Abril

**KANDONGUEIRO SOUND
FESTIVAL DE MÚSICA
ALTERNATIVA NA CAPITAL**

Mais de 30 espectáculos estão programados para o Festival Kandongueiro Sound and Arts Festival, de 25 a 27 de Maio. O evento vai contar com palcos espalhados em várias zonas de Luanda, nomeadamente, Cazenga, Zamba 2 e Talatona.



**BIBLIOTECA CAMÕES
MANUEL RUI
ESCRITOR DO MÊS**

O escritor angolano Manuel Rui vai preencher a 3ª Edição de "Escritor do Mês", na Biblioteca Camões, nos dias 16 e 26 de Abril. O "Escritor do Mês na Biblioteca Camões" visa divulgar autores de Língua Portuguesa, através da leitura colectiva de extractos das respectivas obras e biografias.



EVENTOS



CONCURSO Distinção dos melhores criadores da música

**ANGOLA MUSIC AWARDS
DECORRE EM MAIO**

Os vencedores da sexta edição do prémio "Angola Music Awards" vão ser conhecidos no dia 05 de Maio, numa gala a decorrer no Pavilhão Multiusos do Kilamba. O evento, que visa a promoção da música nacional, distingue os melhores e mais populares trabalhos, bem como criadores da música angolana.

São 23 categorias a premiar, nomeadamente, "Melhor Vídeo Clip", "Melhor Artista Masculino", "Melhor Colaboração", "Álbum do ano", "Melhor Rap", "Melhor grupo", "Artista Masculino" e "Melhor Kizomba".

Na lista contam-se ainda "Melhor Kuduro", "Melhor R&B/Soul", "Melhor Música Moderna", "Melhor Semba", "Artista Revelação", "Melhor Artista em Palco by Delta Q", "Melhor World Music", "Artista Digital Altafonte", "Melhor Rock", "Melhor Produtor Musical", "Prémio Mérito Carreira Dj", "Melhor Grupo Internet By Sapo Angola", "Melhor Gospel", "Mérito Internacional" e "Música Tradicional".

O vencedor de cada categoria é votado por ouvintes ou internautas, na página facebook "Angola music Awards", e avaliado por um júri formado por sete membros.

**FILHO DO ZUA COM NOVO
VIDEOCLÍPE**

O músico e compositor Filho do Zua conta com um novo videoclipe intitulado "Ditado". Dedicada a todos os admiradores, a música, retrata o quotidiano dos angolanos. A mesma foi gravada em Luanda, na Ilha do Cabo e será lançado em várias plataformas digitais. Contou com a participação da cantora Carla Prata.

BELMIRO VIDACHE



DO CORAL ÀS LUZES DA RIBALTA

**Novo talento
gospel desponta
em Luanda**



Os grupos corais de diferentes igrejas espalhadas pelo mundo saem grandes talentos da música gospel. Em Luanda, não tem sido diferente. Belmiro Vidache é o exemplo de um jovem artista com dom para o canto.

Talento e com raízes no canto coral infantil da Igreja Assembleia de Deus Pentecostal, onde ainda na adolescência despertou para a música, o cantor é hoje uma das referências do estilo gospel no mercado musical luandense.

Com um disco no mercado, intitulado "Maranata", irmão Belmiro, considera que já existe qualidade suficiente na música gospel produzida em Angola.

O disco "Maranata" tem 12 faixas e foi editado no estúdio ZK Designer, em 2017. Conquistou 70 por cento das vendas em Luanda.

Actualmente, o cantor tem entre os seus projectos deslocações a várias províncias do país para apresentação do seu disco.

Intérprete e compositor, Belmiro Vidache compõe e edita as suas próprias canções, tendo sempre como a sua principal fonte de inspiração Deus e os músicos Irmão Bambila e Fernandinho. Conta que vê uma porta aberta, em termos de oportunidade para os músicos gospel, pois segundo defende, existe hoje muitos estúdios para esse género de música, assim como muitos talentos que surgem todos os dias no coro das igrejas.

Um dos grandes entraves que enfrentam, de acordo com Belmiro Vidache, tem sido a divulgação e promoção da música e artistas gospel, contrariamente ao que acontece com outro estilo de música tem sido pouco divulgado, pelos meios de comunicação social. Segundo defende, é preciso mais abertura para a música gospel, para evitar que esses talentos fiquem apenas limitados às suas igrejas.

O país, destacou, tem muitos espaços ainda para serem explorados, principalmente, no que diz respeito à música gospel, talvez por trazer uma mensagem mais focada no lado humano.

Realça que, para tal, é preciso que os jovens tenham como divulgar mais os seus trabalhos, em especial nos órgãos de comunicação social. "Isso não é um problema de uma ou outra classe. Ainda existem muitos jovens desconhecidos, apenas por não terem uma chance de mostrarem os seus trabalhos.

Embora, de momento, esteja mais focado a conquistar o público nacional, o sonho de Belmiro Vidache, como narrou, é ganhar o mercado internacional. "Maranata" é a sua grande aposta e "tem de tudo para ser um sucesso nacional". O êxito nas vendas em Luanda, explica, é a prova concreta da aposta feita.

Dono de uma trajectória profissional iniciada aos 15 anos de idade, perfazendo 12 anos de experiência, Belmiro Vidache defende que os artistas gospel devem usar, acima de tudo, a palavra de Deus como testemunho da sua fé. "Maranata", em português significa "vem Senhor", "é a minha prova".

CARLA BUMBA



CONSTRANGIMENTOS MORADORES E FAMILIARES DE PACIENTES DIVIDIDOS

Devido à proximidade da Zona Verde com a Maternidade Lucrecia Paim, o convívio entre os familiares dos pacientes que procuram os serviços da unidade hospitalar e os moradores das redondezas não tem sido pacífico. Os "visitantes" criam muito constrangimentos.



JOSÉ BETO DIDO AMBIENTALISTA DEFENDE CRIAÇÃO DE ESPAÇOS VERDES

"A arborização assume um papel importante no equilíbrio da natureza e a falta desta pode provocar desconforto térmico e possíveis alterações no microclima. Os espaços verdes servem, igualmente, para lazer, recreação e descanso".

AGRESSÃO AO AMBIENTE

MARIA AUGUSTA | EDIÇÕES NOVEMBRO



Arcângela Rodrigues
jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Espaços verdes de Luanda tendem a desaparecer

Embora a primeira fase da requalificação da Zona Verde, no bairro do Alvalade, Distrito Urbano da Maianga, esteja concluída, as obras subsquentes parecem não ter fim. Da parte das autoridades impera o silêncio. Situação semelhante ocorre no Largo Mutu Ya Kevela.

Fechado ao público, há mais de cinco anos, por força de obras de requalificação da responsabilidade da Comissão Administrativa da Cidade de Luanda, poucos são os cidadãos com conhecimento real do destino traçado para conhecida Zona Verde do bairro Alvalade. No interior do espaço, que, em tempos idos, foi referenciado como o pulmão do Distrito Urbano da Maianga, são visíveis marcas de melhorias: a reabilitação dos jardins e a construção de duas quadras desportiva e quiosques são os primeiros indicadores. Contudo, a ausência de uma placa que indica o início e a conclusão das obras e o nome da construtora aguça a curiosidade dos transeuntes e dá azo ao surgimento de boatos.



ZONA VERDE ÁREAS DE LAZER E PULMÃO DA MAIANGA

Referenciado como o pulmão do Distrito Urbano da Maianga, a Zona Verde possuía múltiplos espaços verdes e áreas de lazer. Era muito frequentado por cidadãos, que aproveitavam o tempo livre para caçar pássaros, fazer piqueniques e namorar.



MUTU YA KEVELA OBRAS PARALISADAS

O que tornava o Largo do Mutu Ya Kevela um manto verde e apetecível para os estudantes e casais de namorados, nos tempos livres, faz hoje parte do passado. As chapas que o envolvem denunciam que está em obras. Porém, no interior, existem máquinas paradas.

“Este local está sob o ‘comando’ dos seguranças e, até mesmo, de meliantes, que o transformaram em zona de comércio, de prostituição, dormitório, moradia e depósito de todo o tipo de materiais e produtos”, declarou Manuel Vaz, que reside no bairro Alvalade.

O roubo de chapas, a falta de iluminação, o mau cheiro, o espaço verde mal tratado, por causa dos entulhos de lixo e excesso de capim constituem os principais motivos de inquietação, sobretudo, entre os ambientalistas, moradores e pessoas que por lá passam diariamente.

Manuel Vaz considerou que passou a ser um perigo, circular pela Zona Verde, particularmente no período nocturno, devido ao risco de assalto e de violação.

“Constantemente, ouvimos relatos de assaltos e de violações no interior e na zona envolvente. Para agravar, notamos que áreas estão a ser ocupadas para a instalação de geradores, enquanto a venda de drogas transformouse num negócio vulgar”, disse. O morador acusa ainda os lavadores de carro de retirar água dos tanques subterrâneos, para lavarem as viaturas.

Devido à proximidade da Zona Verde com a Maternidade Lucrecia Paim, o convívio entre os familiares dos pacientes que procuram os serviços da unidade hospitalar e os moradores das redondezas não tem sido pacífico.

Ana Carina, que reside na Sagrada Família, explicou que os “visitantes” têm criado muitos constrangimentos nos passeios e à entrada dos edifícios. Acrescentou que deixam toda a espécie de lixo, quando decidem ir embora. Ana Carina pede às entidades competentes no sentido de se colocar fim ao problema.

PROTEÇÃO DE UM SEGURANÇA

Durante a ronda nocturna efectuada nas imediações da Zona Verde, a reportagem do *Luanda, Jornal Metropolitano*, encontrou um homem deitado no colchão, trajado de calções azuis e camisola interior de cor branca, rodeado de pessoas. Questionado sobre o que realmente estava a fazer, respondeu que era segurança. Os cidadãos pagam-no para lá passar a noite.

“Por terem familiares internados na Maternidade Lucrecia Paím, muitas pessoas refugiam-se aqui, para passar a noite”, disse. O “segurança”, que falou na condição de anonimato, acrescentou que os “clientes” só devem ter preocupação com a roupa, lençóis ou manta. Disse, por outro lado, que, na Zona Verde, existem dois tipos de casa de banho: “uma feita de chapa, que dispõe de uma latrina, e outra de construção moderna.

“Cobramos 100 kwanzas, por dia, valor que dá acesso à casa de banho de chapa, onde as pessoas podem tomar banho e fazer necessidades. Por oferecer melhores condições, cobramos 250

Kwanzas, para se ter acesso à outra casa de banho. Rita Cipriano, que já pernitou no espaço, admitiu ter sido uma mais-valia diante do risco de dormir na rua ou na viatura.

“O segurança faz bem em colocar aqui as pessoas, pois, enquanto ele faz o asseguramento, podemos descansar à vontade”, considerou.

REQUALIFICAÇÃO EM QUATRO FASES

O projecto de requalificação da Zona Verde obedece a quatro fases. De acordo com o projecto, a primeira contempla a construção de uma praça, com repuxos, cascata e esculturas da kyanda, um dos símbolos da cidade de Luanda.

Inclui, igualmente, a instalação de dois parques infantis, campo polivalente, restaurante, ginásio, espaços para piquenique, balneários públicos, vias pedestres, ciclovias e um lago artificial, com pequenas embarcações de lazer, além de parque de estacionamento para 430 viaturas.

A Zona Verde, como diz o próprio nome, possuía múltiplos espaços verdes e áreas de lazer. O local era muito frequentado por cidadãos de diversos pontos de Luanda, que aproveitavam o tempo livre para caçar pássaros, fazer piquenique, namorar, relaxar, conversar e estudar. Do espaço, ficam inúmeras e boas recordações.

LARGO MUTU YA KEVELA

O cenário no Largo Mutu Ya Kevela pouco difere do da Zona Verde. O que tornava o espaço num manto verde e apetecível para os estudantes e casais de namorados, nos tempos livres, faz hoje parte do passado. As chapas que o envolvem denunciam que está em obras. Porém, no interior, estão máquinas paradas à volta de uma estrutura por acabar. Uma placa com os dizeres “futuras instalações de estacionamento e revitalização do largo”, indicando o Governo Provincial como dono da obra, acabam com eventuais dúvidas. Entretanto, persiste o mistério em relação ao início e à conclusão da empreitada. Um funcionário no local disse que a obra está parada por falta de pa-

gamento. “Enquanto a situação não for regularizada, os trabalhos não vão arrancar. Os acabamentos estão por concluir e, além da área de estacionamento, o parque vai ter jardins, assentos, lojas, restaurante e uma quadra desportiva”, explicou o mesmo funcionário. Ele realçou que elementos como os jardins, árvores e bancos foram destruídos. A reportagem procurou, junto do dono da obra, saber sobre a situação geral dos trabalhos. Os esforços não encontraram correspondência.

Diz o adágio que “um mal nunca vem só”. Cidadãos residentes na área adjacente à Escola Mutu Ya Kevela

manifestam inquietação com a paralisação das obras e pela falta de iluminação pública. Denunciaram que, por conta desta última, muitas vezes, na calada da noite, os marginais escondem-se por detrás das chapas, onde controlam a movimentação das pessoas, antes de realizar as suas acções.

O ancião Damião Vasco conta que o Largo Mutu Ya Kevela possuía um busto do poeta Tomás Vieira da Cruz,

pai do também conhecido poeta Tomás Jorge, ilustre figura da cidade, que soube sempre enaltecê-la.

O largo, sublinha, era conhecido como “Rampa do Liceu”, dada a proximidade com o outrora denominado Liceu Salvador Correia. “Os momentos de lazer ficam apenas na memória, tal como o namoro, nos bancos do largo, ou intermináveis conversas entre amigos e colegas”, lembrou.



OBRAS Persiste o mistério em relação ao início e conclusão da empreitada no Largo do Mutu Ya Kevela

QUALIDADE DO AMBIENTE

O ambientalista José Beto Dido afirmou que os espaços verdes, quando preservados, assumem um papel relevante na qualidade do ambiente das cidades, porque ajudam a equilibrar a vida urbana e o meio ambiente.

Ouvido a propósito do declínio de espaços verdes na capital, José Beto Dido mostrou-se preocupado com o desaparecimento destes, para dar lugar à construção de estradas, residências, instalação de equipamentos públicos, que, apesar de necessários, não contribuem tanto para o aumento da qualidade de vida dos utentes.

“Os parques e jardins são uma exigência para a ornamentação urbana, mas também para a necessidade de higiene, recreação e, principalmente, a defesa do meio ambiente, diante da degradação das cidades”, disse.

José Beto Dido, que é presidente da Associação Ambientalista Vida Pela Vida, defendeu a criação de mais espaços verdes em Luanda, visando à melhoria da qualidade ambiental e a garantia de um estilo de vida saudável.

“A arborização assume um papel importante no equilíbrio da natureza e a falta desta pode provocar desconforto térmico e possíveis alterações no microclima”, salientou.

O ambientalista realçou que os espaços verdes servem, igualmente, para lazer, recreação e descanso. Considerando ser fundamental a existência de áreas verdes nos novos projectos habitacionais e junto dos estabelecimentos de ensino, para que se estabeleça o equilíbrio entre a vida e o ambiente.



CULTURA FESTA AFRICANA

Muitas obras do pintor reflectem a cultura africana tal como retrata o quadro e no Aeroporto Internacional 4 de Fevereiro há um gigantesco quadro desenhado e pintado no alto da parede, onde era a sala de embarque e desembarque, que conta a história de certo(s) povo(s) de Angola.



NEVES E SOUSA DE PORTUGAL A ANGOLA

Albano Silvino Gama de Carvalho das Neves e Sousa nasceu, de pais portugueses, em Matosinhos, Portugal, em 1921. Cresceu em Angola, aprendeu a conhecer o povo, seus hábitos e costumes. De tão fascinado, resolveu pintar tudo o que via, sobretudo, no interior deste vasto país.

O PINTOR DE ANGOLA

AGOSTINHO NARCISO | EDIÇÕES NOVEMBRO

O mural de Neves e Sousa



Rosalina Mateta
jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Neves e Sousa, o cognominado Pintor de Angola, é conhecido por muitos e, provavelmente, desconhecido pela maioria dos angolanos. Mas quero acreditar que os luandenses viajantes e outros de diferentes origens já terão notado que, no Aeroporto Internacional 4 de Fevereiro, há uma enorme extensão de parede com uns “rabiscos” onde a cor verde se destaca. Artisticamente falando, aquilo é um mural. O gigantesco quadro desenhado e pintado no alto da parede, que, anteriormente, ficava logo à entrada da sala de embarque e desembarque, conta a história de certo(s) povo(s) de Angola. Admito também que muitos nunca terão olhado para o mural com suficiente atenção, ao ponto de reparar que nele estão figuras de homens, mulheres, casas e etc., que são o retrato vivo das comunidades no interior do nosso país, mesmo nos dias de hoje.

Este intróito, obviamente, não é de uma crítica de artes, mas tem a modesta intenção de chamar a atenção das autoridades aeroportuárias e da cultura, principalmente desta última, para o tratamento que devia ser dado àquela em-

blemática obra de arte, que, feita por um português de origem, exalta a cultura de Angola, todos os angolanos e também aqueles que se sentem nativos desta terra, como o autor do mural sentia-se.

Esta chamada de atenção surge da constatação “in loco” da autora, que há poucos dias, forçada pelas incongruências que ainda imperam no nosso aeroporto, foi impedida de acompanhar, até à área de “check in”, uma amiga de infância que há muitos anos vive no estrangeiro e, por isso, obrigada a esperar por ela no espaço de restauração, no piso cimeiro.

À espera, no topo das escadas, reparou numa lápide com um retrato em miniatura do mural de Neves e Sousa e, porque já a conhecia, despertou-lhe a curiosidade. Foi ler o que estava escrito e deparou-se com a seguinte mensagem: “...Preservamos a cultura, recuperando a arte e a história de um povo através do pintor Neves e Sousa...”.

O apelativo conselho contrasta, em absoluto, com o que é dado a observar no local. A pergunta, para o caso em concreto, é: como preservar o mural, se, à partida,

quem idealizou, projectou e concebeu as alterações arquitectónicas no Aeroporto Internacional “matou” a pintura, com a imposição de uma longa vidraça que retira, desde logo, o impacto da obra? E, para apagá-la ainda mais, gradualmente, foram erguidos quiosques em frente da parede que guarda o mural, o que fez com que se perdesse de vista a maior parte das gravuras.

que, no interior do edifício, a faixa principal não fosse demolida por causa do Mural de Neves e Sousa. Porém, adivinho que, posteriormente, outros interesses não conferiram à obra o destaque necessário. Não primaram em transforma-lo na atracção daquele lugar que é a principal porta de entrada e saída de cidadão angolanos, estrangeiros ou do mundo. Por-

Como preservar o mural, se, à partida, quem idealizou, projectou e concebeu as alterações arquitectónicas no Aeroporto Internacional “matou” a pintura, com a imposição de uma longa vidraça que retira, desde logo, o impacto da obra?

Ainda sem qualquer resposta que justifique tamanho descaso, prefiro acreditar que, tanto a acção de quem concebeu a remodelação do aeroporto, quanto a de quem cedeu os espaços para os quiosques não tiveram como foco prejudicar a única expressão artística ali perpetuada. Até admito

tanto, vender qualquer outro produto ter-se-á revelado mais lucrativo do que a mensagem pincelada dos hábitos e costumes dos povos de Angola.

Seria importante, do ponto de vista cultural, histórico e até económico, que se vendesse o produto “Mural dos Povos e Etnias

de Angola”. A impressão da pintura, em pequenos panfletos, vendidos a preço módico ajudaria a publicitar a obra, o seu autor e o nome de Angola. Esta é apenas uma sugestão. Mas muitas outras coisas podiam ser feitas no âmbito da diplomacia cultural. Embora Neves e Sousa, até onde lhe foi possível, tenha feito já a internacionalização de suas obras inspiradas na cultura angolana.

Albano Silvino Gama de Carvalho das Neves e Sousa nasceu, de pais portugueses, em Matosinhos, Portugal, em 1921. Cresceu em Angola, aprendeu a conhecer o povo, seus hábitos e costumes. De tão fascinado, resolveu pintar tudo o que via, sobretudo, no interior deste vasto país. O que não soubesse num quadro de aquarela ou lápis, ele transformava em poesia. Assim confessou o artista. Por razões outras, em 1975, Neves e Sousa rumou para o Brasil, fixando-se intencionalmente na Bahia. Continuou a pintar e a escrever Angola e a Bahia, já que, para ele, os dois lugares fundiam-se na cultura e nas parencas dos seus povos, que, na verdade, são originalmente o mesmo.



**LAURINDA PRAIA
MAQUINISTA POR
INFLUÊNCIA DO TIO**

“Tudo começou alguns dias depois do casamento. Cheguei a maquinista de comboio por intermédio de um tio, que havia prometido ao meu pai arranjar emprego nos Caminhos-de-Ferro para as sobrinhas. Foi uma coisa inesperada, nunca pensei em ser maquinista”.



**AMBIÇÃO E CONTRIBUTO
DESEJO DE VER O SEU
TRABALHO RECONHECIDO**

Como todo o profissional, Laurinda Praia ambiciona dirigir uma composição de Luanda até à província de Malanje. Outra das suas pretensões é continuar a dar o seu contributo para o desenvolvimento dos Caminhos de-Ferro de Luanda.

Helma Reis

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Uma mulher dirige-se a uma das composições do comboio dos Caminhos-de-Ferro de Luanda, na baixa, e abre a porta da cabina de maquinista. Senta-se frente aos manípulos de freio e tracção e se prepara para mais uma viagem.

Esta é a rotina de Laurinda Praia, 32 anos, cumprida com naturalidade há cerca de dez anos. Ainda assim, continua a ser com espanto que muitos passageiros se deixam transportar por ela. A profissão é considerada para “machos”, mas pessoas de ambos os sexos elogiam a mulher maquinista e aplaudem a sua ousadia.

O dia de Laurinda Praia começa às quatro horas da manhã. Como primeira tarefa, cuida das duas filhas e do marido. Na hora seguinte, já está no local de trabalho, para percorrer o trajecto Bungo/Catete. Cumprida a missão, às 14 horas, está livre para voltar ao seu lar.

MAQUINISTA POR ACASO

Tudo começou alguns dias depois do casamento de Laurinda Praia. Ela contou que chegou a maquinista de comboio por intermédio de um tio, que havia prometido ao seu pai arranjar emprego nos caminhos-de-ferro para as suas sobrinhas. “Foi uma coisa inesperada. Tudo aconteceu um mês depois de me casar. Nunca me tinha passado pela cabeça ser maquinista”, declarou.

Laurinda Praia aceitou a proposta do tio e ganhou o seu primeiro emprego, em Outubro de 2008. No mesmo ano, frequentou uma formação intensiva de maquinista, durante quatro meses, nas oficinas gerais dos Caminhos-de-Ferro de Luanda. Depois disso, começou a trabalhar efectivamente na área e não mais parou. “Apaixonei-me pela profissão”, confessou.



M. MACHANGONGO | EDIÇÕES NOVEMBRO

LABUTA Laurinda Praia nunca se sentiu discriminada pelos colegas, por realizar uma actividade que, era atribuída, exclusivamente, aos homens

“Apaixonei-me pela profissão”

TRABALHO SEM DISCRIMINAÇÃO

A relação entre chefia e colegas de profissão não podia ser mais saudável. Laurinda Praia garante que nunca se sentiu discriminada, por realizar uma actividade que, anteriormente, era atribuída, exclusivamente, aos homens. De acordo com a maquinista, os colegas conside-

“Algumas vezes, sou discriminada, mas por passageiros. Sobretudo, quando o comboio apresenta alguma avaria ao longo do percurso. As palavras usadas pelos passageiros, (homens) é que mulher só serve para estar na cozinha”

ram que as mulheres surgiram para dar um novo ar ao sector. “Algumas vezes, sou discriminada, mas por passageiros. Sobretudo, quando o comboio apresenta alguma avaria ao longo do percurso. Nesses casos, as palavras mais usadas pelos passageiros são: “As mulheres só servem para estar na cozinha...”, desaba Laurinda, que lamenta a ignorância.

No início, a família recusava-se em aceitar o trabalho de Laurinda Praia. “Era uma ideia que não cabia na cabeça deles. Mas, com o tempo, foram-se acostumando e hoje o apoio é incondicional. Até porque somos apenas duas mulhe-

res a trabalhar como maquinista”, realçou. Para a maquinista Laurinda Praia, trabalhar e cuidar da família não é uma tarefa fácil. Mas, hoje, quer as filhas, quer o marido já estão acostumados com a ideia de ela ter que sair cedo de casa para o trabalho. “Felizmente, o meu marido compreende e sempre ajuda naquilo que são as tarefas de casa”, sublinhou.

ASPIRAÇÕES

Como todo o profissional, Laurinda Praia ambiciona dirigir uma composição de Luanda até à província de Malanje.

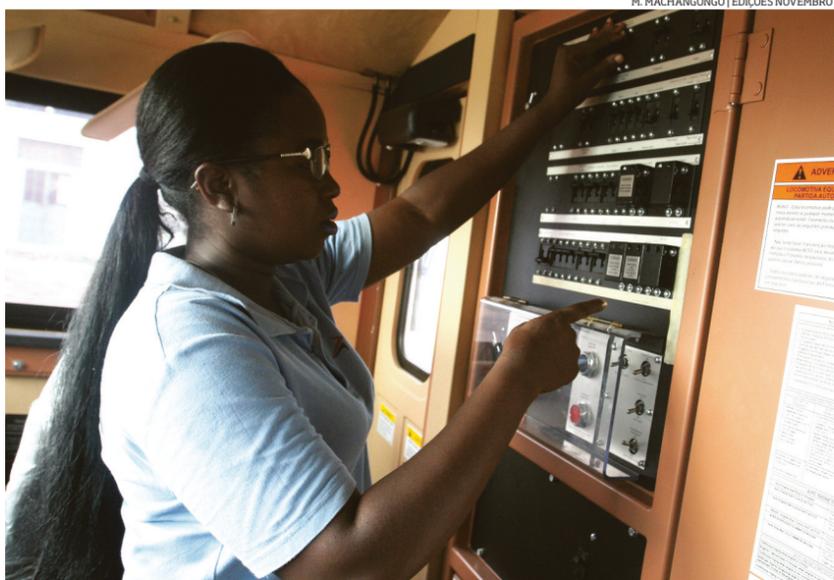
Outra das suas pretensões é continuar a dar o seu contributo para o desenvolvimento dos Caminhos de-Ferro de Luanda. Ainda nesta, senda a maquinista deseja que o seu trabalho seja reconhecido, principalmente, por aqueles cidadãos que ainda consideram a mulher

“como um vaso que deve estar apenas em casa, impedindo-as de correr atrás dos seus sonhos”, desabafou Laurinda. A continuidade da formação académica também está entre as preocupações da maquinista. “Não pretendo deixar esta profissão, porque é a tarefa que melhor sei fazer”, garantiu.

O RISCO

Como qualquer outra profissão, a de maquinista também acarreta riscos. Por isso, Laurinda não está isenta. Em 2015, ela viveu um incidente, no troço Cateite/Luanda, quando embateu contra um camião e fracturou uma das pernas.

“Os colegas de outras áreas criticavam e murmuravam, sem se lembrarem que qualquer pessoa está sujeita a cometer erros... É importante dizer que o ser humano não é perfeito e que precisamos de ter muita calma”, lembrou.



M. MACHANGONGO | EDIÇÕES NOVEMBRO



Infelizmente, nunca falamos com certeza, nem nunca fazemos a transcrição real daquilo que a população diz e daquilo que é científico. Muitas das situações que são definidas, na periferia, pela população, como "Tala"

AUGUSTO MANUEL

RESPONSÁVEL PELA ÁREA CLÍNICA E PEDAGÓGICA DO HAB

**DOMINGOS BETICO
DEVOLUÇÃO DOS BENS
APREENDIDOS**

"A apreensão de mercadorias é lícita, desde que o vendedor seja apanhado a comercializar os seus produtos em locais impróprios ou proibidos. As mercadorias devem ser restituídas aos seus proprietários, a partir da altura em que estes paguem a multa".



DISTRITO DA INGOMBOTA

"Operação Morcego" põe fim a irregularidades

As autoridades administrativas do Distrito da Ingombota levam em curso uma operação que visa a recolha das roulotte em situação irregular e o encerramento de oficinas abertas na via pública.

Denominada "Operação Morcego", a acção, que abrange também as oficinas a céu aberto, lojas e restaurantes, começou na passada quarta-feira e foi antecedida de um trabalho de sensibilização aos proprietários e aos trabalhadores que realizam este tipo de actividade ilegal, para a sua retirada voluntária.

No Distrito da Ingombota, muitas actividades do género são exercidas de forma ilegal e em locais inapropriados, causando prejuízos ao meio ambiente, à saúde pública, além do incómodo que causam aos utentes da via pública e aos moradores dos arredores.

Segundo autoridades, este tipo de actividade não autorizada põe em perigo a vida dos munícipes e deve ser exercida em condições condignas e de segurança, nos locais indicados, sem constrangimento. "A nossa intenção é reduzir a irregularidade e regular a actividade comercial dos munícipes do distrito", disse o administrador distrital Herder Balsa.

A primeira fase da operação, informou, teve início em Outubro e Novembro do ano passado. "Agora, que estamos na fase coerciva, precisamos de dar um novo rumo ao distrito e fazer com que os munícipes estejam com as suas licenças comerciais actualizadas e renovadas", acrescentou.



ADMINISTRADOR Hélder Balsa

Neste processo, o distrito da Ingombota tem registadas duzentas roulotte usadas para o comércio, mas somente vinte estão legalizadas. O mesmo acontece com algumas lojas e restaurantes, segundo o administrador distrital, que aconselha os proprietários a legalizarem a documentação dos estabelecimentos comerciais.

A "Operação Morcego" conta com uma equipa multi-sectorial, composta pelo Comando Distrital da Polícia Nacional e Unidade Técnica Comunitária local, Fiscalização, Administração da Ingombota e outras instituições..

Com mais de 300 mil habitantes, fazem parte do distrito a Ilha do Cabo, Ingombota, Patrice Lumumba, Maculusso e Kinanga.

YARA SIMÃO

DOMBELE BERNARDO | EDIÇÕES NOVEMBRO



HIGIENE Comércio deve ser exercido em condições condignas e de segurança

Resenha da Semana

**CONTRA O SARAMPO E A RUBÉOLA
SETE MIL CRIANÇAS
VACINADAS NA ESTALAGEM**

Sete mil crianças, que vivem no distrito da Estalagem, Viana, serão vacinadas contra o sarampo e a rubéola, nos dias 23, 24 e 25 deste mês, no âmbito do Programa de Intensificação de Vacinação de Rotina e de completar o calendário vacinal de menores de um ano de idade.

Em declarações à Angop, Felismina Neto, Chefe do sector de Vacinação do gabinete Provincial de vacinação, disse que a campanha visa imunizar contra o sarampo e rubéola todas as crianças dos nove meses a menores de cinco anos de idade das áreas do KM14 (sector B) e KM9 (sectores B e D), devido à fraca cobertura na província de Luanda.

Para facilitar a vacinação da população alvo, a intensificação da vacinação de rotina vai decorrer com equipas avançadas distribuídas nos sectores indicados pelos presidentes das comissões de moradores.

As equipas deverão chegar aos locais com grande aglomerado populacional como mercados, paragens de transportes, escolas, centros recreativos, creches e igrejas. Para o êxito da campanha, as autoridades sanitárias contam com o contributo da Repartição Municipal de Viana e da Organização Mundial de Saúde, que mobilizaram pessoas treinadas para o efeito.

No entanto, as mães e outros encarregados de educação são chamadas a levar os seus filhos menores aos postos de vacinação acompanhados do cartão de vacina para a actualização, já que as crianças receberão também a nova vacina injectável contra a poliomielite.

Rubéola, também conhecida como sarampo alemão, é uma infecção contagiosa causada por vírus e caracterizada por erupções vermelhas na pele. É causada pelo vírus Rubella vírus e é transmitida de pessoa para pessoa, por meio do espirro ou tosse, sendo altamente contagiosa. Uma pessoa com rubéola pode transmitir a doença a outras pessoas desde uma semana antes do início da erupção até uma a duas semanas depois de seu desaparecimento. Ou seja, uma pessoa pode transmitir a doença antes mesmo de saber que tem rubéola.

A doença também pode ser congénita, podendo ser transmitida de mãe para filho ainda durante a gravidez.

**PROFESSORES
SUSPENSÃO DAS AULAS
EM VÉSPERAS DE PROVAS**

Os professores das escolas públicas da província de Luanda paralisaram as aulas, na passada segunda-feira, no cumprimento da terceira fase da greve geral convocada pelo Sindicato Nacional dos Professores Angolanos (Sinprof), até ao dia 27 de Abril.

Em várias instituições do ensino não universitário, o cenário foi de revolta e preocupação, com salas abertas, alunos nos corredores e docentes de braços cruzados, em véspera das provas finais do primeiro semestre. O início das provas está agendado para 23 deste mês. Desde as primeiras horas da manhã, vários cartazes foram exibidos pelos professores, que se dizem firmes na decisão de paralisar as aulas nos próximos 17 dias. O Sinprof convocou a terceira fase da greve (a segunda foi em 2017), por considerar haver falta de vontade e sensibilidade do Executivo para solucionar os problemas essenciais da classe.

Por fim...

**MATADI
MAKOLA**



SONHO PROVISÓRIO

Quando surge o apagão à noite, não há estação que amenize o desaire. As cores deixam de ser, porque não se desponta nada à nossa volta. O "pré-pago" que, em princípio deveria representar uma garantia, nem do pior conseguem nos livrar.

Enquanto isso, no bairro os postos continuam intactos, e lá mesmo onde sempre estiveram, mas sempre às escuras, porque há muito que deram o apagão sem que houvesse alguém para reparar ou para os tornar funcionais. Com estas desgraças, resta aos moradores de Luanda sonhar com o cacimbo, onde pelo menos, vão deixar de enfrentar a força das chuvas, que encarnam hoje um dos seus principais problemas, quando São Pedro abre as portas. Para quem mora na Nova Urbanização de Cacucaco, os problemas parecem um pouco mais acentuados, devido à própria natureza do seu solo argiloso. Para além das desgraças que traz com ela, a agressividade das cargas de água transformam a vida das pessoas. Muitas ruas, tornam-se intransitáveis e os problemas nunca têm fim. Omitem os bens que nos trazem as chuvas e passam a vê-la como um mal a abater. E nisso, o Cacimbo emerge, para muitos, como a esperança de dias melhores. Sonham com o Cacimbo e que, almejam, "venha para sempre", para lhes livrar, de uma vez por todas, do "tempo mau".

Todos parecem alimentar isso no subconsciente, uma esperança de dias melhores, com promessas no ar, mas sem datas e nem autores. Mas a descrença é tanta, que muitos sequer deixam que o assunto, por qualquer descuido na oratória, caia nas conversas dos "kalundus", matando a esperança dos que acreditam nas soluções por via da administração. Seguros de estarem a tomar as decisões das suas vidas, muitos recorreram aos créditos. Outros investiram tudo que tinham para realizar o sonho da casa própria. Conseguiram vencer esta parte mas o pior veio depois.

O problema de acessos são tão relevantes que desencorajam a quem quer que seja de se deslocar para lá, inibindo a visita de familiares amigos, como de resto regula o nosso conceito africano de família. Com este vendável de incongruências, muitos resistem às intempéries, enquanto outros as abandonam à procura de um local mais seguro em outras áreas residenciais, deixando por trás o sonho de uma vida inteira cheia de realizações e também insucessos. Lindas que são, casas fazem arregalar os olhos, obrigando a elogios naturais. Dói ver casas tão bonitas sem ninguém a morar.